

para o mês ou o semestre letivo. Mas sabemos igualmente que o Plano de Aula, meticoloso, cheio de detalhes, não corresponde à realidade brutal da vida diária. Não há professor com capacidade e tempo disponíveis para preparar meia dúzia de planos desses por semana...

41.2) Necessidade da preparação das aulas

De nossa parte, ficaríamos já muito satisfeitos se cada professor preparasse as aulas do dia, mesmo sem a confecção de planos complicados. Bastaria que pensasse de véspera:

- “O que é que eu vou dar amanhã?”
- “Quais as matérias a abordar?”
- “De que motivações me poderei valer?”
- “Quais os recursos disponíveis? Que exercícios e jogos caberiam? Que material devo levar?”

A isso se chama preparar a aula. É o bom professor dedica pelo menos meia hora ou uma hora por dia preparando as aulas do dia seguinte. O mestre rotineiro não prepara coisa nenhuma, e ao entrar na sala é que vai perguntar aos alunos:

- “Onde é mesmo que nós estávamos?”
- “Qual é o ‘ponto’ de hoje?”
- “Eu havia marcado alguma lição para hoje?”

Então, improvisa qualquer coisa, ou repete aquela mesma rotina de trabalho que vem repetindo dia após dia, anos após ano...

41.3) Plano de aula e globalização

Antes de analisarmos cada um daqueles itens, deixamos desde logo bem claro que o plano de aula se

adapta a qualquer tipo de ensino: seja ao ensino globalizado, de que trataremos largamente no capítulo seguinte, seja ao ensino do tipo tradicional, dividido em “matérias”, seja ao do tipo semi-globalizado, que alterna aulas globalizadas com aulas de “matérias” que não couberam na globalização.

Podemos, por exemplo, imaginar um plano de aula para estudar “animais”, dentro do projeto sobre “construção de um jardim zoológico”. E, por outro lado, se podem elaborar centenas de planos de aula, para cobrir todas as disciplinas do Programa, isoladamente, ponto por ponto. Mais para diante apresentaremos exemplos de planos de aula para ambos os fins: ensino globalizado e ensino por matérias.

41.4) Finalidades

Entendemos por “finalidade” aqueles conhecimentos que o professor quer transmitir ou as atitudes que deseja despertar nos alunos. Exemplos: “conhecimento dos números romanos”, ou “conhecimento da produção da zona norte”. Ou “despertar atitudes de asseio corporal”.

41.5) Motivação

Talvez o mais importante item de um plano de aula seja a *motivação*: sem ela, a aula decorrerá arrastada, monótona, com o professor falando sozinho e os alunos distraídos, com o pensamento longe, ou atentos à custa de repetidos apelos de “prestem atenção, meninos!”

A *motivação* pode ser espontânea ou suscitada. É espontânea quando brota dos próprios alunos (em geral de um pequeno grupo de alunos, contagiando em seguida toda a classe). É suscitada ou provocada quando

parte do mestre: êste com muita habilidade consegue levar os alunos a “quererem aquilo que êle quer”.

Algumas pessoas pensam que a motivação pode ser criada a puro gôsto do professor. É um engano: não se pode *impor* uma motivação, de fora para dentro do aluno. Ela só será motivação na medida em que fôr querida, desejada pelos garotos.

O problema central da Renovação Didática é êsse: como conseguir que nossos alunos fiquem *bem motivados*. Obtido êsse objetivo inicial, os alunos farão todo o resto, tudo o mais que quisermos: atividades, pesquisas, estudos, trabalhos para atingirem o objeto da sua motivação.

Na vida humana diária também é assim: só nos movimentamos quando há um *motivo*. Se alguém nos convida: “vamos à cidade agora?”, nossa resposta imediata é: — “para quê?”

Para tudo na vida é preciso um *motivo*: para irmos à cidade, para nos vestirmos bem, para prepararmos um jantar especial, para assistirmos a um determinado programa de televisão... Ora, como pretendemos, então, que nossos alunos na escola *se interessem pela aula, sem nenhum motivo para isso?*

Existem motivações artificiais, mas eficientes. Exemplo: o pai promete ao filho um passeio, se êle comer, tudo que está no prato. Ou: — “minha filhinha, tome o remédio que você ganha uma bala”. Essas motivações dão bom resultado com as crianças em casa, mas devem ser evitadas na escola, exatamente por sua artificialidade, isto é, pela falta de correlação entre o objetivo real, por nós desejado, e o objetivo fictício, suscitado na criança.

Motivações artificiais dêsse gênero são as promessas feitas ao aluno: — “se você estudar ganha um prêmio”, ou “ganha uma medalha, ou o nome no quadro de honra”. Tais motivações devem ser banidas da Escola Renovada. Precisamos, isso sim, tornar o

trabalho escolar tão interessante que os alunos tenham *motivo* dentro dêsse próprio trabalho e não nas recompensas externas.

Isso não significa que sejamos contrário a tôda idéia de *prêmio*, conforme preceitua a Escola Nova, que diz: não deve haver prêmio nem castigo; os estímulos e as sanções para o aluno devem estar dentro do trabalho escolar. Julgamos que os alunos não devem trabalhar tendo como *motivação* ganhar o prêmio, mas achamos que não há mal em premiar quem trabalhou. Afinal de contas, a escola deve ser *uma sociedade em miniatura*, e a sociedade dos adultos está cheia de prêmios: elogios públicos, medalhas, condecorações, promoções por merecimento, inscrições na “Ordem do Mérito”, etc.

41.6) Desenvolvimento

Colocamos no item “desenvolvimento” todo desenvolver da aula pròpriamente dita. Incluí, pois, o diálogo do professor com os meninos, para situar a matéria (e repetimos sempre: *tôda aula na escola primária deve ser um diálogo entre o mestre e as crianças*); as novas informações sôbre o assunto, que o mestre transmite; os jogos e exercícios de fixação da aprendizagem; os testes ou exercícios de verificação da aprendizagem.

41.7) Conclusão

Nos minutos finais da aula deve o mestre fazer, à guisa de conclusão, uma síntese do assunto tratado, para que não fique muito disperso naquelas cabecinhas infantis, além de se referir, também rapidamente, ao assunto da aula seguinte. Esta última medida é já uma espécie de “pré-motivação”: destina-se a despertar o interesse e a curiosidade da criança pelo que será dado na aula de amanhã.

§ 42) APRESENTAÇÃO DE PLANOS DE AULA

Um plano de aula não é algo que se copie servilmente para aplicar em outra classe, pois sua base, como salientamos é a *motivação*, e esta varia conforme o momento, as circunstâncias, o interesse da turma, etc. Os planos que se seguem são apresentados, pois, apenas a título de exemplo.

Dada a importância do assunto e a constante solicitação do professorado, resolvemos publicar um volume especial enfeixando *unidades de trabalho, planos de aula e projetos* (1).

(1) Vide "O Planejamento no Ensino Primário", volume VIII desta Coleção "A ESCOLA VIVA"; Editora Aurora; Rio, 1960.

PLANO DE AULA — I

(Pela Professora Maria Adozinda Neves Monteiro, da Escola de Aplicação "Conego Rochael de Medeiros", de Recife, Pernambuco — Revista do Ensino, abril de 1955, págs. 61 e 68.)

CLASSE: 2.^a Série.

Matéria: Ciências Sociais

Assunto: Primitivos habitantes do Brasil

- 1) MÉTODO: Decroly (segundo as 3 fases: Observação, Associação e Expressão).
- 2) MATERIAL: Um filme e projetor; cartazes onde haja representações de figuras indígenas, de suas habitações, de instrumentos usados por eles: musicais e guerreiros; de seus enfeites e tinturas, de suas espécies de alimentos, de seus chefes e de seus cultos. E ainda mais o material comum; cartolina, papel branco e lustroso, tesoura e cola para a distribuição individual entre os alunos, para uso na expressão concreta.
- 3) INTERESSE: Um filme.
- 4) Fase I — Observação

Antes da apresentação do filme, que servirá de interesse da aula, deverá a mestra travar com as crianças uma conversação natural, onde lhe será oferecida a projeção. A conversação que servirá de uma preparação mental dos alunos, será iniciada através da campanha missionária, já tão conhecida nas escolas, entre eles próprios. Salientar-se-á o valor da solidariedade humana, da unificação de trabalho dos povos, para o alcance do progresso, da civilização, enfim, o conhecimento mútuo dos seres.

O filme mostrará os índios que ainda existem em nosso país, as várias tabas que vivem espalhadas em nosso vasto território. Mostrará, também, o trabalho das equipes, que formam o "Serviço de Proteção aos Índios", os meios de que usam para até lá chegarem e de os conquistarem. Aliás, será esta a parte inicial, a da equipe. Por fim, a vista dos próprios índios. Com a visão dos índios o filme termina.

Acabada a apresentação cinematográfica, ficará, fatalmente nas crianças, a curiosidade de conhecer a origem daqueles selvagens, os seus costumes, o seu trabalho, a sua alimentação, as suas armas, a sua religião: *a sua vida*.

Até aí, a classe viveu intensamente aquelas cenas vistas. Daí por diante a curiosidade a levará para o passado e o viverá também, retrospectivamente, através dos cartazes que lhe serão apresentados pela mestra. Vemos, então, que o presente iluminou o passado e foi iluminado por êle, como diz L. Radice, quando nos fala sobre a técnica usada no ensino da História.

No primeiro cartaz serão vistos índios que sugerirão uma sentença, que dirá terem sido êles os primeiros habitantes do Brasil. Elaborada a frase pelos alunos, será escrita no quadro negro por um, lida e repetida por todos, em conjunto e copiada por cada um, em seus cadernos de apontamentos. O mesmo cartaz será observado detalhadamente, pelos meninos, guiados pela professora. Verão e falarão sobre seus corpos: enfeites, roupas, do seu colorido, através da pintura.

À proporção que os alunos observarem os detalhes, serão êles escritos no quadro, lidos, repetidos e copiados. (Até a última anotação será seguida a mesma técnica.)

À sinopse poderá ficar organizada assim:

tanga de penas
cocares
colares

argolas, etc.

pintavam o corpo de côres variadas.

É preciso salientar que a ordem dos pontos anotados pode ser outra, pode variar de acôrdo com a observação espontânea dos meninos, que deve ser respeitada. Vemos então, que a sinopse vista acima, não tem uma ordem rígida; mostro-a, apenas, como um plano de trabalho, que, como qualquer outro, não pode ser cumprido à risca. Depois de estarem as anotações escritas no quadro negro, a professora fará que os alunos desenhem a chave e a entitlem de *Vestimentas*.

Outro cartaz será apresentado. Novas observações sobre a habitação dos selvagens, pois o desenho isso sugerirá. Nova cópia, nova leitura, nova fixação, novos apontamentos.

E, assim, todos os cartazes serão vistos e analisados. A mesma técnica será obedecida. Serão estudados os instrumentos musicais indígenas, a alimentação, as armas, a religião, o govêrno.

5) Associação

As associações que poderão ser feitas, na precisão de um plano, mas, francamente esquecidas diante de outras surgidas ocasionalmente, são as seguintes:

No tempo — (com a própria História) as guerras primitivas e as modernas;

No espaço — (com a geografia) as várias tribos e suas localizações; os acidentes geográficos terrestres e marítimos do Brasil;

Com as Ciências Sociais — tipos de habitação: primitiva e moderna; espírito de solidariedade;

Com as Ciências Naturais: Animais: aves, peixes, animais selvagens úteis, que servem de alimentação dos índios; o sol, a lua, estados físicos dos corpos; os reinos da natureza;

Com a Matemática — Formas das ocas, da caçara; o número de tribos, cálculo, etc.

Com a Religião: — Amor ao próximo, o culto dos índios, a solidariedade, a ajuda da escola na campanha missionária, etc.

Nas associações tem que ser vista a dosagem dos conhecimentos.

6) *Expressão abstrata* — Um questionário ou teste.

Expressão concreta — Elaboração de um álbum da classe, para o que todos concorrerão, ajudando-se para um fim comum.

Poderia ser um álbum para cada um dos alunos, porém, acho que seria individualizar o trabalho. As crianças colherão o material, para a coleção, na escola, na própria casa e, também, desenharão e recortarão no papel lustroso, respeitando-se a espontaneidade criadora.

Será este álbum um centro para o trabalho em grupo.

(Fim)

PLANO DE AULA — II

(Pela Professora Dinara Leite, catedrática de Metodologia das Ciências Sociais do Instituto de Educação do Rio de Janeiro — Revista do Ensino, Pôrto Alegre, abril de 1955, pág. 9).

CLASSE: 3.^a série.

Matéria: Geografia.

Assunto: Países que comerciam com o Brasil.

1) OBJETIVOS:

- a) dar noção nova sobre os países que comerciam com o Brasil.
- b) mostrar a necessidade do intercâmbio internacional, para o desenvolvimento harmônico de todos os aspectos da atividade humana.

2) MOTIVAÇÃO:

Leitura ou referência feita a um país que mantenha relações comerciais com o Brasil. Viagem à Argentina, por exemplo.

3) MATERIAL:

Globo terrestre, planisfério, mapa do Brasil com os produtos de exportação assinalados; cartaz com a representação das mercadorias que precisamos adquirir fora do nosso país, vistas características dos países citados.

4) ANDAMENTO PROVÁVEL ou desenvolvimento:

- 1) Significação da palavra "comércio" compra e venda. Importação e exportação.

BIBLIOTECA
Dona Aquino Correia
- LIC -
DOURADOS — MS.

- 2) Produtos que exportamos. Apresentação do mapa econômico do Brasil com os produtos localizados: café, algodão, carnes frigorificadas, couros, cacau, cêra de carnaúba, etc.
- 3) Produtos que importamos. Apresentação do cartaz com as gravuras representando: trigo, maquinismos diversos, gasolina, carvão, papel, etc.
- 4) Países que comerciam com o Brasil. Estados- Unidos, Grã-Bretanha, Argentina, Canadá, e França. Apresentação do globo terrestre e, a seguir, do planisfério para apontar os países citados.
 - a) Estados- Unidos. Notável pela indústria elétrica e metalúrgica. É o país que mais compra e vende ao Brasil. Objetivar com uma fotografia da estátua da Liberdade, uma vista de Pittsburg ou das tôrres de petróleo.
 - b) Grã-Bretanha. Regime monárquico. Grande frota mercante. Minas de carvão. Gravura com o Big-Ben, na Tôrre do Parlamento ou outra representando o trabalho mineiro na Inglaterra.
 - c) Argentina. Atividades agrícolas e pastoris. Vista dos pampas.
 - d) Canadá. Indústria do papel. Paisagem florestal.
 - e) França. Rendas, fazenda, vinhos. Gravura representando a Tôrre Eiffel.
 - f) Alemanha e Japão, antigos comerciantes com o Brasil. A porta de Brandenburgo. Paisagem japonesa.

5) EXERCICIO DE FIXAÇÃO:

Sublinhar se a frase está certa ou errada, podendo usar os apontamentos de aula.

1. Exportar é comprar o que se precisa no estrangeiro.
Certo ou errado.
2. O Brasil é grande vendedor de café.
Certo ou errado.
3. A cêra de carnaúba é um produto de importação do Brasil.
Certo ou errado.
4. O país que mais comercia com o Brasil são os Estados- Unidos.
Certo ou errado.
5. A Grã-Bretanha exporta carvão.
Certo ou errado.
6. O Brasil compra maquinismos diversos.
Certo ou errado.
7. A Argentina compra trigo do Brasil.
Certo ou errado.
8. O Canadá exporta papel.
Certo ou errado.
9. Os Estados- Unidos ficam na América.
Certo ou errado.
10. Alemanha e Japão comerciam muito conosco, atualmente.
Certo ou errado.

(Fim)

§ 43) TÓPICOS PARA DISCUSSÃO

1. Que se entende por "planejamento"? É êle importante na vida? Por quê?
2. Explicar a significação de cada um dos 4 tipos de plano didático: 1) de ensino; 2) de curso; 3) de unidade; 4) de aula.
3. Que diferença existe entre "plano de trabalho" e "plano de aula"?
4. Que itens acha você essenciais num plano de aula?
5. Formule um plano de aula para dar "adjetivos" na 2.^a série primária.
6. Formule um plano de aula para dar "vertebrados" na 3.^a série.
7. Idem, idem, para dar "percentagem" na 4.^a série.
8. Idem, idem, para dar "países da América do Sul" na 5.^a série.

§ 44) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. AMARAL FONTOURA — "Didática Geral"; volume IX da coleção "A ESCOLA VIVA"; Editôra Aurora; Rio, 1960.
2. BACKHEUSER, Everardo — "Manual de Pedagogia"; Editôra Globo; Pôrto Alegre, 1946.
3. D'AVILA, Antonio — "Práticas Escolares"; 3 volumes; Saraiva Editor; São Paulo, 1948.
4. LUZURIAGA, Lorenzo — "Pedagogia"; Editorial Losada; Buenos Aires; 1957.
5. MATOS, Luiz Alves de — "Sumário de Didática Geral"; Editôra Aurora; Rio, 1958.

Globalização do Ensino

§ 45) A VIDA É GLOBALIZADA

Todos os livros que tratam da Escola Nova insistem na necessidade de se fazer na escola primária a *globalização do ensino*. — Por quê? Porque a finalidade da escola primária não é *ensinar matérias*, mas sim educar a criança, formar sua personalidade, preparar a criança para a vida.

Ora, a vida não é dividida em *matérias*: em nossa existência diária não lidamos com a Linguagem agora, com a Matemática daqui a pouco e com a Geografia mais tarde. Pelo contrário: qualquer problema de nossa vida envolve um complexo de matérias e de conhecimentos, que mal podemos separar.

Exemplo: se eu quero comprar determinado alimento para o almoço de hoje, preciso saber se o mesmo não é nocivo à saúde (*Higiene*), qual o local onde êle é vendido e como fazer para ir lá (*Geografia*), que quantidade de alimento devo comprar, não só em relação com o número de pessoas da minha casa como em relação ao preço e ao dinheiro de que dispomos (*Matemática*). Devo dirigir-me ao lojista com cortezia, saber aguardar minha vez (*Educação moral e social*), e, enfim, saber falar explicitamente o que eu quero (*Linguagem*).

Como se vê, num exemplo tão corriqueiro, dêsses que se repetem uma dezena de vêzes por dia, eu tive que lançar mão da Linguagem, da Matemática, da Educação Moral, da Geografia e das Ciências Naturais,

tudo ao mesmo tempo, embora cada uma em pequena escala. Imagine-se, então, que variedade de conhecimentos não serão necessários para a solução de um problema um pouco mais complexo da nossa vida!

Exatamente por isso é que os partidários da Educação Renovada (1), entre os quais nos colocamos, sugerimos que o ensino na escola primária não seja dividido em *matérias*, mas sim *globalizado*, dividido em problemas, ou planos, ou projetos que envolvam as várias matérias.

Nosso ideal é trazer a *vida* de volta para a *escola*, é fazer a escola reproduzir a vida. É transformar a "escola de ouvir" em "escola de fazer". Daí a substituição das "matérias" estáticas, que são apenas listas de "pontos" a serem "guardados" pelos alunos, no sistema de planos, problemas e projetos, que são essencialmente atividades a serem *vividas* pelos alunos.

Três são os métodos pedagógicos principais para se atingir o ideal da *vitalização* da escola e da *globalização* do ensino:

1. Método de Centros de Interesse
2. Método de Planos de Trabalho
3. Método de Projetos.

Do ponto de vista expositivo, já foram êles abordados sucintamente em nosso livro de "Metodologia". Lá dissemos em que consiste cada um deles. Aqui, em se tratando de um compêndio de "*Prática de Ensino*", vamos mostrar detalhadamente o *como* — como organizar um centro, um plano, um projeto na vida diária da escola, assunto que tantas dificuldades oferece às novas professoras.

(1) Procuramos sempre diferenciar entre "Escola Nova" e "Educação Renovada": a primeira foi levada a muitos exageros e extremismos inconvenientes; a segunda é a Escola Nova depois de despida de seus exageros modernistas e temperada com as boas cousas que havia na Escola Antiga.

§ 46) COMO ORGANIZAR UM CENTRO DE INTERESSE

Os "centros de interesse" foram inventados pelo grande pedagogo belga DÉCROLY (1871 - 1932), um dos maiores vultos da Escola Nova, criador da célebre "*École de l'Hermitage*".

O método DECROLY é absolutamente *vitalista*: refere-se cada momento à vida, à necessidade de ligar a escola com a vida, à importância de conhecer a vida do aluno e da comunidade onde a escola está situada. Diz o grande mestre belga, com segurança e profundidade:

"A criança deve ser educada para a vida através da vida."

Aliás, no pórtico da sua mundialmente famosa Escola da rua de L'Hermitage, DECROLY fez colocar este lema, que definia bem o espírito da obra:

"Uma escola da vida pela vida."

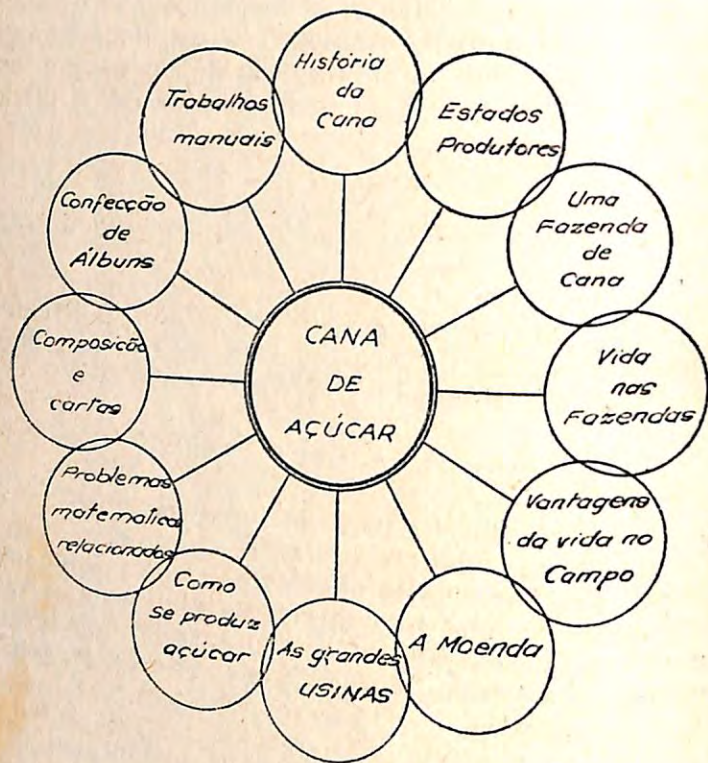
O método de "centros de interesse", no entanto, só é realmente *vitalizado* quando o professor assim o deseja. Temos visto, infelizmente criaturas aplicarem os "centros de interesse" apenas na sua forma externa, abandonando seu espírito, e continuando, pois, dentro da rotina da "escola parada", em oposição formal ao espírito decroliano.

Sobre o método DECROLY de maneira geral já falamos no lugar oportuno, não sendo necessário aqui repetir o que dissemos (1). Aqui diremos apenas sobre

(1) Vide "O método DECROLY", na nossa "Didática Geral", volume IX desta Coleção "A ESCOLA VIVA"; capítulo XI; Editora Aurora; Rio, 1960.

os "centros de interesse". Consiste esse método em tomar uma idéia central, um tema que interesse à criança, e dali partir para o ensino, fazendo tôdas as matérias girarem em torno daquele "centro de interesse".

Observe-se o esquema que damos abaixo:



Como se vê o estímulo inicial para o surgimento desse "centro" (isto é, a motivação) poderia ter sido, indiferentemente, uma conversa sobre moenda, ou sobre caldo de cana, ou sobre um canavial vizinho da escola, ou sobre "como é que se faz açúcar".

No desenvolvimento desse centro de interesse poderiam ser estudados os seguintes itens:

- 1) A cana de açúcar no Brasil (*História*);
- 2) Estados produtores de cana (*Geografia*);
- 3) Uma fazenda de cana (*Ciências Sociais*);
- 4) Vida nas fazendas;
- 5) Vantagens da vida nas fazendas em comparação com a vida nas cidades (*idem*);
- 6) A moenda;
- 7) A garapa;
- 8) As grandes usinas (*Ciências Naturais*);
- 9) Como se produz açúcar (*idem*);
- 10) A aguardente e seus perigos (*Higiene*);
- 11) Combate ao alcoolismo (*idem*);
- 12) O açúcar na alimentação humana (*Educação da saúde*);
- 13) Problemas numerosos sobre custo da produção, áreas de terra, sistema métrico, conversão de litros em outras medidas, compra e venda de cana e seus produtos (*Matemática*);
- 14) Composições sobre os assuntos observados e discutidos (*Linguagem*);
- 15) Cartas a colegas, contando fatos e observações sobre o assunto (*Linguagem*);
- 16) Confeção de álbuns com recortes e gravuras alusivas ao assunto, acompanhados de pequenos textos (*Trabalhos Manuais*);
- 17) Desenho da cana, do canavial, da moenda, da fazenda (*Desenho*);
- 18) Construção de uma fazenda em miniatura, sobre um taboleiro, num recanto da sala de aula (*Trabalhos Manuais*);
- 19) Confeção de um cartaz de papelão onde se pregarão amostras da cana e seus produtos, com desenhos e pequenos textos alusivos (*Trabalhos Manuais, Desenho e Linguagem*).

46.1) Vantagens e desvantagens do "Centro de Interêsse"

De um cuidadoso exame do que acima ficou dito se deduzem alguns princípios que o professor não pode perder de vista. O primeiro dêles é que o método de "centros de interêsse" se ajusta muito bem aos atuais "Programas de Ensino" oficiais, não criando problemas para o mestre. No entanto, o ajustamento não é total: há cousas num "centro de interêsse" que não pertencem a nenhuma matéria do programa, como por exemplo, o item 8), "As grandes usinas", que só forçando um pouco podemos considerar como sendo assunto de Ciências Naturais.

Essa é exatamente a grande vantagem do método: não fica bitolado, prêsso ao item de um "Programa", permitindo ao mestre estender-se até horizontes muitíssimos mais interessantes para a criança.

A segunda dedução a fazer é que o método de "centros de interêsse" não é obrigatoriamente *ativo*, não traz a *vida* dentro de si mesmo: o professor pode cumprir tudo que se encontra programado nas linhas acima, até o item 15), sem fazer nenhuma atividade, se assim não quizer. Mesmo os itens 16) a 19) poderão ser executados como "tarefa", como "obrigação" pelos alunos, sem que êles aí ponham seu entusiasmo, sem que aqueles trabalhos sejam fruto do seu desejo.

Em suma o método dos "centros de interêsse" pode ser ótimo ou desinteressante e sem vida, dependendo tudo do professor que o vai aplicar. Tal não acontece com os dois outros métodos ativos, o "plano de trabalho" e o "projeto": nestes, ou o mestre trabalha ativamente, ou o fracasso é total. Não há meio termo. Jamais será possível realizar um "plano" ou "projeto" sem o desejo, interêsse e entusiasmo dos alunos. Por isso mesmo os educadores da Escola Nova dão mais valor a êstes dois últimos do que ao primeiro.

De nossa parte, preferimos que o mestre use o método de "centros de interêsse", mesmo com defici-

ências, do que permaneça no antigo sistema do ensino por "pontos", isto é, seguindo o Programa de Ensino", na sua ordem lógica, ponto por ponto, sem encadeamento nem interêsse para os alunos.

Lembremos, por fim, que mesmo o método de "centros de interêsse" elimina totalmente a divisão do dia escolar em "matérias": aula de Português, depois aula de Matemática, depois aula de Geografia. O que há é apenas a subdivisão nos assuntos de que se compõe o "centro", segundo o gráfico acima.

46.2) Divisão do dia escolar

Alguns seguidores de DECROLY propõem que o dia escolar seja subdividido da seguinte forma:

1.^a parte — *Observação* — Tarefas de observação da natureza e dos fenômenos que desejamos estudar. Pesquisa nos livros da Biblioteca da escola, nas revistas trazidas pelo professor e pelos alunos. Estudo dos mapas. Apresentação de problemas relacionados com o assunto.

2.^a parte — *Associação* — Relacionamento do assunto ou fenômeno que está sendo estudado com tudo aquilo que o aluno já conhece. Associação no *tempo* é a História. Associação no *espaço* é a Geografia. Encadeamento das pesquisas que estão sendo feitas, a fim de se dar uma unidade a todo trabalho.

3.^a parte — *Expressão* — É a parte final do dia escolar. Compreende os exercícios de linguagem, composições, cartas. E ainda a execução de desenhos, trabalhos manuais, modelagem. Enfim, inclui a confecção dos cartazes para a parede da sala de aula e álbuns onde o assunto seja apresentado através das figuras recortadas das revistas pelos alunos, bem como de desenhos e de pequenos textos por êles escritos.

§ 47) O MÉTODO DE PROJETOS

Em nosso livro de "Didática Geral" damos a *teoria* do Método de Projetos (ver capítulo XI). Aqui vamos mostrar, na prática, *como* se organiza um projeto.

Se, como afirmamos sempre, a vida dentro da escola deve reproduzir a vida fora da escola, e se a vida fora da escola é um composto de *problemas a resolver*, então também dentro da escola a vida da classe deve ser dividida não em *matérias*, mas sim em *problemas a resolver*, ou seja, em *projetos a realizar*.

Daí a importância do *método de projetos* e sua grande aceitação na Escola Renovada. Como se sabe, esse método foi criado pelo educador americano JOHN DEWEY, no "Teachers College" (Escola de Professôres) da Universidade de Columbia, de New York, que possui uma escola primária experimental anexa.

Muitos professôres não usam esse método porque acham difícil arranjar um *projeto*. Parece que o mal está nos livros pedagógicos que fizeram do "projeto" um bicho de sete cabeças, muito complicado e cheio de minudências.

47.1) Conceito de projeto

Ora, *projeto* é tudo aquilo que se pretende realizar. No decorrer de um dia comum, eu faço inúmeros *projetos*, enfrento diversos problemas. É só transplantar isso para dentro da escola e, pronto, aí temos o método de projetos.

Vejamos a série de projetos ou problemas que enfrento num só dia: levantar a tal hora (não esquecer de colocar o despertador de véspera, dar corda, acertar os ponteiros), vestir-me, arranjar condução de casa para o trabalho, resolver um caso com o meu chefe, realizar certa tarefa com meus colegas, enfrentar a luta pela condução na volta para casa, resolver aquele problema da minha tia que está doente, e, enfim, resol-

ver onde ir hoje à noite: ao teatro, visitar uma família amiga ou ficar assistindo televisão em casa...

Nós não sentimos muito a existência desses *projetos* sucessivos, num só dia de vida, porque já nos acostumamos a eles. Resolvemos vários deles pelo hábito, pela rotina, sem exigir muito uma tomada de consciência. Mesmo assim, muitas vezes ficamos em dúvida: que fazer? Isto ou aquilo? Como resolver esse tal problema que nos atormenta?

Ora, muitas vezes nós ficamos embaraçados para solucionar problemas simples, porque não tivemos a *vivência* daquele problema. É comum dizer-se que o advogado recém-saído da Faculdade, com diploma na mão e anel no dedo, não sabe nem redigir uma petição ao juiz, tendo que pedir o auxílio dos contínuos do Tribunal, semi-analfabetos. — Por quê? Porque a Faculdade de Direito não proporcionou a seus alunos nenhuma *vivência* dos problemas jurídicos, limitando-se a dar teorias e mais teorias.

Pois é esse o problema que se repete a respeito de todos os assuntos, em todas as escolas que permanecem no terreno das teorias e das lições livrescas. O aluno sai da escola despreparado para a vida. Então, a solução, é levar os problemas da vida para dentro da escola. É dar aos alunos, dentro da escola, situações semelhantes (ou, pelo menos, parecidas) àquelas com que terão de defrontar-se fora da escola, na vida.

E se a vida em sociedade é repleta de *problemas* e de *projetos* que devemos resolver a todo custo, então, precisamos proporcionar aos alunos, na escola, *projetos* variados, para que eles os resolvam e fiquem treinados a resolver, futuramente, os projetos da vida.

Tal é a filosofia do *método de projetos*:

47.2) Diferença entre projeto e plano de trabalho

Na prática, a grande diferença entre o *plano de trabalho* e o *projeto* é que aquele é organizado pelo

professor, para tornar o ensino mais atraente, mais agradável, mais produtivo, enquanto que o *projeto* é planejado pelos alunos, com o fim de realizarem alguma coisa, fazerem algo, concretizarem um objetivo de seu agrado. Em resumo: um projeto é sempre *para fazer alguma coisa*.

Tomando o exemplo apresentado no capítulo anterior (vide § 39), dos "animais domésticos", para transformá-lo de *plano de trabalho em projeto* deveremos procurar um objetivo final. O método de projetos, como salienta seu criador, o grande pedagogo DEWEY, é "purpose-full", isto é, tem um propósito, um fim em vista.

Poderíamos estabelecer, por exemplo, que o objetivo daquele plano seria estabelecer uma criação de animais domésticos no quintal da escola. Ou fazer um pequeno "jardim zoológico escolar". Ou fazer a ornamentação da sala de aula, com lindos cartazes contendo desenhos e histórias sobre os bichos. Ou confeccionar um belo e grande álbum, colecionando estampas de animais com os respectivos textos e histórias. Em todas essas hipóteses teríamos não mais um *plano de trabalho* e sim um *projeto*, desde que houvesse um objetivo inicial, desejado pelos alunos, que se desdobrariam para realizar todas as tarefas necessárias até a obtenção final daquele objetivo.

Naturalmente o *projeto* será tão mais real quanto mais concreto for. No exemplo dado, o melhor *propósito* seria o de criar um pequeno jardim zoológico nos terrenos da escola. Mas é claro que nem sempre isso é possível...

Então, temos de recorrer a alguns sucedâneos, como por exemplo organizar uma feira livre no galpão do recreio; ou uma taba de índios no fundo da sala de aula; ou uma viagem imaginária; ou uma exposição agrícola; ou uma fazenda em miniatura, sobre tabuleiro, na sala; ou organizar o museu escolar.

Outra característica do projeto é a sua maleabili-

dade: pode durar um mês, um trimestre, um semestre. Pode envolver uma turma só ou englobar várias séries, com divisão de trabalho entre elas, cada qual realizando tarefas que mais se coadunem com o programa de ensino da série. Pode constituir um todo único ou desdobrar-se em vários projetos menores. Pode constar de trabalhos somente feitos na escola e em casa, ou exigir dos alunos visitas a fazendas, lojas comerciais, repartições públicas.

De constante mesmo só há 4 características no projeto:

- a) Deve ser um conjunto de *atividades*,
- b) brotadas do *interêsse das crianças* e não impostas pelo mestre,
- c) tendo um *objetivo*, fim ou propósito bem definido,
- d) a ser realizado pelos *alunos*.

47.3) No projeto não há "matérias a aprender"

Outra nota marcante do método de projetos é que ele não tem por objetivo "ensinar as matérias do programa", mas sim *ensinar a vida*. O ensino de Português, Geografia, Matemática, etc., entra lateralmente, sem o aluno sentir, nem perceber que está aprendendo aquelas matérias.

Ainda aqui se impõe a comparação entre a escola e o lar: o método de projetos funciona como a educação que damos a nosso filho em casa. Neste momento nós lhe ministramos um conhecimento sobre higiene ("não coma alimentos que caíram no chão"); depois corrigimos uma frase errada ("não diga eu lhe vi ontem, mas sim eu o vi"); depois mandamos o menino fazer uma compra no armazém (operações de soma e subtração, manipulação de dinheiro, trôco). Com isso, o garoto estará aprendendo Ciências Sociais, Português, Matemática; mas nem nós lhe dizemos isso, nem ele se apercebe.

Insistimos nesse ponto, que sempre causa confusão no espírito de novos professores: o método de projetos não se destina a *ensinar matérias*, tais como as entendemos na escola tradicional, mas sim ensinar a *resolver problemas* da nossa vida diária.

Se eu pretendo organizar uma festa para comemorar o aniversário da minha tia, aí está um problema, um projeto. Para levá-lo a cabo, escrevo cartas, convidando amigos; faço cálculos sobre despesas; arranjo enfeites para a casa; organizo um cardápio evitando colocar dois alimentos que façam mal ao organismo por se encontrarem juntos. Para a execução desse projeto tive que manejar assuntos de Linguagem, de Matemática, de Educação Artística, de Ciências, de Higiene.

Se pretendo viajar para Recife ou criar gado leiteiro, aí estão outros *projetos*: para executá-los terei que manejar conhecimentos de Português, Matemática, Geografia, Ciências Físicas e Naturais.

Note-se bem: eu não fiz esses projetos *com o fim de aprender* tais conhecimentos, mas tive que os aprender, para atingir os objetivos colimados. Assim como sucede na vida diária, deve acontecer na escola: o método de projetos não tem por fim ensinar Linguagem, Matemática, Ciências, etc., mas insensivelmente leva os alunos a buscarem eles próprios essas matérias, sem as quais não poderão executar o projeto.

47.4) Finalidade dos projetos: ensinar a vida

Essa é a enorme diferença entre o ensino na escola tradicional e na Escola Renovada: na primeira, as aulas têm por finalidade a *transmissão de conhecimentos*; o que o professor deseja do aluno é que *êle aprenda conhecimentos*. Na Escola Renovada as aulas têm por finalidade o *enriquecimento da experiência da criança*; o que o professor deseja do aluno é que

êle faça cousas, que aprenda a fazer as cousas da vida diária. Em uma palavra: que *aprenda a viver*.

A finalidade do projeto é fazer algo, é resolver um problema, e a aquisição de conhecimentos entra insensivelmente, como instrumento, como meio apenas, para se atingir aquela finalidade visada.

Naturalmente é difícil conciliar o ensino pelo método de projetos com os programas oficiais de ensino: aquêle é essencialmente maleável, modificável, êstes inteiramente rígidos, seguindo a ordem lógica dos assuntos. Um programa de ensino é dividido em "pontos": ponto 1, ponto 2, ponto 3... Não é possível arranjar um projeto que abarque êsses 3 pontos, depois outro projeto que englobe os pontos 4 a 6...

O método de projetos foi imaginado para a Escola Nova. (Já dissemos que Educação Renovada não se confunde com Escola Nova: é a fusão resultante de tudo que há de bom na Escola Nova, sem os exageros desta, com tudo que havia de bom na escola tradicional.) O citado método foi criado para a Escola Nova ortodoxa, isto é, para uma escola sem programa rígido de ensino, e, muitas vezes, sem programa algum. "O programa é feito à medida das necessidades das crianças", diz um educador definindo a questão. Não aconselhamos, portanto, que nenhum professor tente "ensinar por projetos", mas sim que procure, durante o ano letivo, pelo menos organizar *um projeto*, que englobe vários assuntos de Linguagem, Matemática, Ciências, etc.

Desde logo chamamos a atenção das professorandas (e de algumas professoras também) que é enorme erro fazer um projeto "para expor no fim do ano", isto é, organizar um projeto apenas para figurar na exposição. Isso será um trabalho de fim de ano (falso, artificial), mas nunca um projeto. Repetimos: projeto é algo querido, trabalhado e realizado pelos alunos, com um objetivo bem definido, que pode surgir em qual-

quer época do ano, mas nunca ser artificialmente armado para figurar na "exposição anual de trabalhos".

48) COMO ORGANIZAR UM PROJETO

Não existe esquema rígido para a elaboração de um projeto. Pode ser seguido, por exemplo o roteiro abaixo:

- | | |
|----|---|
| 1. | Motivação |
| 2. | Planejamento |
| 3. | Problemas |
| 4. | Atividades desenvolvidas e informações adquiridas |
| 5. | Hábitos e atitudes |
| 6. | Conclusão |

Analisemos um projeto realizado em aula do próprio autor deste livro, sobre "Festa de São João":

48.1) A motivação do projeto

Alunos comentam em aula a boa festa realizada na escola, no fim do ano passado. Alguns perguntam: — "professor, quando é que a gente vai ter outra festa igual??" Outros sugerem: — "Professor, não vamos esperar o fim deste ano para fazer outra". — "Vamos aproveitar o encerramento do 1.º período, assim teremos duas festas por ano". — "Podia-se, então, fazer uma festa de São João, que é no fim de junho". — "Boa idéia, vamos organizar uma festa de São João". — "Ótimo, ótimo, vamos fazer uma "big" festa de São João".

O professor imediatamente aceita a idéia, que, como se diz, "caiu do céu por um descuido", porque nem sempre é fácil conseguir um projeto espontaneamente surgido dos alunos, e surgido com entusiasmo.

Depois de deixá-los discutir um pouco, para formar aquêle clima de entusiasmo, diz o professor: — "Bem, mas eu só deixarei fazer a festa se vocês se comprometerem a trabalhar muito e organizarem tudo direitinho". — "Prometemos, prometemos". — "Então a primeira coisa a fazer é traçar um planejamento da nossa festa, distribuir os serviços e organizar as equipes de trabalho".

48.2) Planejamento do projeto

Depois de inúmeras sugestões e discussões, que não adianta reproduzir aqui, conseguiu-se, aos poucos, estabelecer o planejamento. Note-se que o projeto, para produzir bons resultados *educativos* tem que ser sentido, discutido, encaminhado pelos alunos.

O professor deve ter a paciência necessária para deixar os meninos imaginarem cousas erradas e, daqui a pouco verificarem o erro e êles mesmos corrigirem. A intervenção do mestre só deve ocorrer quando os alunos pretenderem persistir no erro. Discordamos totalmente daqueles escolanovistas radicais, que dizem que o mestre deve deixar os alunos fazerem as cousas erradas, para que êles mesmos se apercebam do fracasso e não errem mais naquele ponto, isto é, "adquiram experiência à própria custa".

Para adquirir experiência por êsse método de "ensaios e erros" não era preciso haver escola: a vida nos ensina precisamente assim... Quando os erros são de pequena monta e suas conseqüências não são danosas para as crianças, nem as levam a perder um tempo precioso, então, sim, de vez em quando podemos deixá-las errarem — em pequenas cousas — para aprenderem sôzinhas.

A atividade do mestre num projeto é, pois, de equilíbrio: nem ficar ausente, omisso, deixando as crianças fazerem tudo que imaginarem, nem, por outro lado,

querer mandar demais, tirando o prazer dos meninos fazerem as cousas por si.

A grande alegria das crianças é fazer as cousas sòzinhas, para se sentirem capazes e "grandes". Nossa Glorinha, com 3 anos, na hora de comer, vestir, cuidar das cousas da casa, a cada momento diz: "*deixa que eu faço!*"

Se os alunos não sentirem que o projeto "é dêles", perdem grande parte do interêsse. O mestre deve dirigir e orientar, sim, mas com discreção e, como se diz, "por detrás das cortinas", sem que os alunos o sintam.

Eis o planejamento traçado:

PLANEJAMENTO:

1. Pedir licença ao diretor (organizar uma comissão de 5 alunos para isso).
2. Convidar outros professôres e outras turmas para participarem também da organização da festa. (Organizar comissões).
3. Dividir os alunos em grupos para irem pesquisar tudo que houver escrito sôbre "Festa de São João" na Biblioteca da escola.
4. Organização de um programa litero-musical sôbre a data.
5. Organização de uma peça de teatro sôbre o assunto.
6. Preparo e ornamentação do local da festa.
7. Preparo das vestimentas de "caipira" que todos os alunos devem usar no dia da festa.
8. Preparo dos doces e comidas típicas que serão servidos durante a festa.
9. Preparo dos convites para a festa, a serem enviados aos pais dos alunos e outras pessoas amigas da escola.
10. Arranjar um conjunto regional, para tocar na festa.

48.3) Problemas a resolver

Entre outros muitos, surgiram os seguintes problemas, para as crianças resolverem, sempre sob a assistência discreta do professor:

- Como arranjar dinheiro para as despesas da festa?
- Onde descobrir informes sôbre festas juninas?
- Que duração deve ter a festa? Quantos números literários e musicais se poderão colocar nesse espaço de tempo?
- Como deve ser organizado o local da festa? De que tamanho? Como ornamentá-lo?
- Como arranjar uma fogueira no local?
- Onde conseguir os números litero-musicais para a festa?
- Onde conseguir a peça de teatro para o mesmo fim?
- Como confeccionar as vestimentas de "caipira"?
- Que doces e comidas típicas preparar? Onde, como e quando?
- Deve ou não haver bebidas "fortes" para os pais dos alunos?
- Como redigir os convites? Como fazê-los chegar aos convidados que não sejam pais de alunos?
- Onde e como arranjar o conjunto regional?

48.4) Atividades desenvolvidas e informações adquiridas

Durante o desenrolar do projeto (que durou precisamente dois meses, de 20 de abril a 24 de junho), os alunos obtiveram, nas suas pesquisas na Biblioteca, ou diretamente com o professor, as seguintes informações e desenvolveram as atividades abaixo:

ATIVIDADES:

1. Redação de cartazes, anunciando a festa, para pregar em toda escola (*Linguagem*);
2. Redação de convites para a festa (*Linguagem*).
3. Numerosas leituras na Biblioteca, para descobrir assuntos lítero-musicais apropriados à festividade (*Linguagem*);
4. Estudo das origens das festas juninas, dos balões e dos fogos.
5. Decoração dos números escolhidos, para recitação e canto, no dia da festa (*Linguagem*);
6. Confeção de desenhos ilustrativos dos cartazes acima citados (*Desenho*);
7. Confeção de desenhos e painéis para o local da festa (*Desenho*);
8. Confeção de ornamentos e enfeites alusivos às festividades juninas (*Trabalhos Manuais*);
9. Confeção de roupagens para os atôres da peça teatral, tarefa essa realizada pelas meninas maiores (*Educação Doméstica*);
10. Escolha, ensaio e posterior representação da peça teatral alusiva à data (*Educação Artística*);
11. Confeção de algumas das comidas típicas citadas (as mais fáceis) — (*Educação Doméstica*);
12. Execução dos números literários e musicais durante a festa (*Educação Artística*);
13. Recepção, no dia da festa, aos convidados e autoridades (*Educação Social*);
14. Resolução de alguns problemas referentes à área do local da festa, número de pessoas, número de lugares (*Matemática*);
15. Resolução de numerosos problemas de custo da festa, despesas necessárias, recebimento de

auxílio e cotas de cada aluno, pagamento das contas, problemas de dinheiro e de trôco (*Matemática*).

48.5) Hábitos e atitudes

Através desse projeto o mestre procura desenvolver nos alunos, entre outros, os seguintes hábitos e atitudes:

1. Atitudes de *discutir livremente* os assuntos, (que é uma das bases da Democracia);
2. Hábito de *planejar*, antes de resolver qualquer coisa, ou iniciar qualquer atividade (que é a base da ponderação, do equilíbrio na vida);
3. Hábitos de *trabalho em equipe*, tão absolutamente necessário neste país de individualistas, que de regra geral não sabem trabalhar juntos;
4. Atitude de respeito e encantamento pelas nossas *tradições populares*;
5. Hábitos de fazer da escola um local de *alegria* sadia e construtiva;
6. Hábito de *trabalhar com as próprias forças*, em vez de esperar que os outros façam tudo;
7. Hábito de *cuidar dos detalhes*, não fazendo as coisas "de qualquer maneira";
8. Hábito de *convívio social*, não apenas com os colegas da mesma série e de outras séries, mas com os professores, visitantes e autoridades;
9. Atitudes de assumir a *responsabilidade* das coisas, visto que a atividade principal é a dos alunos, embora sob a supervisão constantes do mestre.
10. Hábitos de fazer *escola viva*, entrosada com a própria vida da comunidade, não se consi-

derando a escola como um organismo à parte, estanque.

48.6) Conclusão

A conclusão do nosso projeto foi a realização da festa junina. Como se vê, a conclusão ou fecho do projeto é a realização do seu objetivo inicial. Durante muitos dias se falará ainda sobre a festa, que tão gratas recordações deixa. Os erros serão criticados, para que os meninos nêles não recaiam da próxima vez: eis aí a *experiência adquirida*. E sem dúvida nenhuma as crianças sairão dessa festa com preciosas *vivências*, que lhes serão úteis no transcurso da existência.

48.7) Ligação com o programa

Conforme foi dito, o método de projetos surgiu para uma nova concepção da escola, não subordinada a programas rígidos de ensino. Por isso, num projeto como o que acima detalhamos, não se consegue relacionar quase o seu desenvolvimento com o programa de ensino.

Em todo caso, vários pontos do programa de Linguagem foram abordados durante o transcurso do projeto, o que dependerá sempre da maior ou menor habilidade do professor. Da mesma forma, alguns assuntos do programa de Matemática puderam ser encaixados, bem como vários objetivos constantes do programa de Ciências Sociais, no que se refere a Educação doméstica e social. Igualmente as atividades de Desenho e Trabalhos Manuais do nosso projeto constavam do programa de ensino dessas matérias.

A conclusão é a seguinte: se não é possível harmonizar o método de projetos com o sistema de programas de ensino rígidos, até hoje em vigor no país,

nada impede, antes é altamente aconselhável que todo professor primário realize, pelo menos, um ou dois projetos por ano; mas mesmo durante a execução desses projetos serão intercaladas aulas do tipo comum, para abordar assuntos não contidos no projeto, a fim de que o programa de ensino não fique atrasado, uma vez que, no fim do ano, os alunos terão que prestar exames de acôrdo com êsse programa.

Procuramos conciliar, assim, como sempre, a Escola Nova com a escola tradicional: harmonizamos os excelentes resultados *educativos*, mas extra-programa, do método de projetos, com a necessidade de obedecer ao sistema em vigor, baseado nos programas de ensino iguais para tôdas as escolas.

48.8) Outros possíveis projetos

Por definição, o projeto tem de ser algo que os alunos desejam realizar, concretizar. Mas o professor hábil sempre pode "fazer os alunos quererem", suggestioná-los no sentido de quererem isto ou aquilo. Há, assim, uns tantos temas que muito se prestam para a confecção de projetos, e que relacionamos abaixo, para facilitar a tarefa do mestre:

1. Organização de festas escolares (encerramento do ano letivo ou do semestre; aniversário da escola; datas tradicionais (como a do projeto que descrevemos), acontecimentos importantes na cidade ou no Estado.
2. Organização de excursões educativas (a pontos pitorescos da vizinhança, a fazendas, usinas, indústrias, etc., que serão depois reproduzidos na classe, em miniatura.
3. Organização de feiras-livres ou mercados em ponto pequeno, na sala de aula ou no galpão da escola.

4. Organização de uma taba dos índios mais conhecidos dos alunos (pode ser em miniatura, sobre tabuleiro, ou em ponto maior, num canto da sala ou no terreno da escola).
5. Organização de uma horta escolar.
6. Ornamentação da sala de aula.
7. Organização de viagens imaginárias.
8. Organização do Museu Escolar.
9. Organização de uma coleção sobre "meios de transporte", incluindo cartazes, quadros, álbuns e miniaturas dos veículos, construídas pelos alunos.
10. Idem, idem, sobre "trajes e costumes típicos regionais".
11. Idem, idem, sobre "nossa terra e suas riquezas".
12. Criação de um pequeno jardim zoológico (de animais domésticos) na escola.
13. Idem, idem, de um pequeno jardim botânico.

§ 49) EXEMPLOS DE PROJETO DIDÁTICO

PROJETO I — ORNAMENTAÇÃO DA SALA DE AULA

(Realizado pela professora Sílvia Lopes Leal na 3.^a série da "Escola Bezerra de Menezes", Rio de Janeiro.)

I) MOTIVAÇÃO:

O aspecto feio e tristonho da sala de aula, em contraste com outros ambientes alegres e agradáveis. — "Vamos fazer da nossa sala um recanto lindo?"

II) PROBLEMAS

1. Organização do Plano de Trabalho:
 - Que condições devem ser observadas na organização?

2. O orçamento do trabalho.
 - Qual deve ser a despesa total com a limpeza da sala?
 - Como ornamentá-la pelo menor preço sem prejuízo do bom gosto?
3. A pintura da parede, da barra, do quadro negro.
 - Como preparar a tinta?
 - Como são fabricados a tinta, a cola e o sabão?
 - Qual a origem do cal, do gesso, do óleo, do alvaiade?
4. A limpeza dos vidros e do mobiliário.
 - Quais os processos empregados?
 - Como fazê-la economicamente?
5. Construção de jardineiras.
 - Onde obter madeiras?
 - Como construí-las?
6. Decoração de vasos e jarros.
 - Onde buscar sugestões?
 - Que material se poderá empregar?
7. Preparo de barras para as paredes.
 - Como ilustrá-las?
 - Onde arranjar assunto para ilustração?
8. Confecção de quadros.
 - Como se fabrica o vidro?
 - Que espírito deve presidir a escolha das gravuras?

III) INFORMAÇÕES

Apêlo à experiência da professora e de cada aluno, relativa à limpeza, arranjo e ornamentação de salas. Informações acêrca do material necessário à realização do projeto e do preço desse material nas casas comerciais.

Informações sobre a melhor maneira de se obter boa pintura, da técnica observada na caição, na pintura a esmalte, na pintura a óleo.

Informações com a professora especializada sobre a ornamentação da sala.
 Informações sobre as fontes de leitura na Biblioteca.
 Informações sobre os processos de decoração de vasos, sobre o modo de fabricá-los. Como se obtém o vidro.
 Informações sobre a arte indígena, especialmente a marajoara.

IV) ATIVIDADES

Visitar casas comerciais para a escolha de material e indagação de preços.

Medir barras, quadros negros, janelas.

Comprar material.

Experimentar:

- 1) preparar tintas;
- 2) pintar paredes e quadros negros;
- 3) lavar o assoalho. Calafetá-lo. Encerá-lo.
- 4) limpar móveis e vidros;
- 5) Cortar madeira.
- 6) Pregar tábuas e pintá-las.

Visitar uma oficina de oleiro. Escolher e comprar os vasos.

Decorá-los.

Desenhar motivos para decoração. Recortar gravuras e colar.

Pregar barras. Fazer quadrinhos. Bordar.

Fazer croché.

Confeccionar flôres.

Colecionar modelos de vasos. Experimentar a fabricação de vasos com massa plástica.

Visitar o museu nacional. Experimentar copiar a arte marajoara de barro.

Imitar o estilo japonês.

Colecionar estampas referentes aos assuntos estudados.

Organizar um álbum com motivos decorativos.

V) MATEMÁTICA

Organização de tabelas de preços.

Operações para o cálculo de tôdas as despesas.

Conhecimento das medidas unitárias de comprimento, peso e capacidade.

Cálculo sobre estas medidas.

Dimensões da sala de aula.

Conhecimento de ângulos, quadrados, retângulos.

Perímetro.

Pesagem e medida de todo o material.

Medida da madeira para a construção das jardineiras.

Determinação das dimensões de cada jardineira.

As diferentes formas de vaso. Decomposição dos mesmos em formas geométricas.

A esfera, o cone, o cilindro, a calote esférica, o tronco de cone.

Circunferência e diâmetro.

Dimensões das barras.

Problemas aplicados aos assuntos em discussão.

As formas dos quadradinhos.

Perímetros e diagonais.

Necessidade do cálculo para o domínio das questões do projeto.

Concurso de destreza e segurança no cálculo.

VI) ARTES INDUSTRIAIS E BELAS ARTES

Conhecimento do material necessário à realização do projeto.

Como se obtém a tinta. Origem do gesso, da cal, da cola, do sabão, do óleo, da aguarrás, do alvaiade.

Conhecimento da fabricação do papel, do vidro, do pano, dos vasos de barro, etc.

Ligeiro estudo do algodão, do linho, da sêda.

Desenho de vasos de barro, com decoração sugerida pela turma.

Desenhos de riscos para bordados.

Os vasos marajoaras. Os vasos chineses
As ânforas gregas. Porcelanas de Sevres Maião.
Recorte de gravuras.

VII) CIÊNCIAS SOCIAIS E NATURAIS

Organização do plano em comum.
Necessidade da cooperação.
O que usam os diferentes povos na ornamentação de suas casas.
Comparação por gravuras. Estudo dos minerais empregados na indústria. O necessário pedido de licença à Diretoria de Obras da Prefeitura.
A postura Municipal.
A madeira na construção das jardineiras.
Principais madeiras de construção. Os vegetais. O aparecimento dos vasos nas mais remotas civilizações.
Vasos indígenas, sua aplicação.
O papel, o papiro.
A idade média.
O algodão e o linho.
"Habitat" de cada um.
Os algodoais do Brasil, da Índia, do Egito, dos Estados Unidos.
O linho da Inglaterra e da Bélgica, do Canadá e dos Estados Unidos.
A sêda, sua produção e indústria no Brasil, na China, na França, etc...
As crianças se tem ocupado, especialmente, com o estudo da arte indígena e da História do Brasil, porque resolveram fazer a decoração das barras inspirada nos episódios de nossa História.

VIII) LINGUAGEM

Escrita do plano no quadro negro. Cópia no caderno do Projeto. Cartas com pedidos de informações.

Relatório dos trabalhos referentes ao projeto.
Leitura do material referente aos tópicos em discussão.
Composições sobre os assuntos estudados.
Cartas aos colegas do 4.º ano com pedidos de informações sobre o projeto do Refeitório.
Cartas aos alunos do 5.º ano com pedidos de fontes de informações sobre diferentes assuntos a estudar na Biblioteca. Idem aos colegas do 4.º ano sobre a cultura do algodão já estudada por eles. Cartas à Diretora e à Superintendente.
Impressões de visitas e excursões.
Reuniões de assuntos lidos e estudados.

IX) HÁBITOS E HABILIDADES

Hábito de organização e de ordem no trabalho.
Hábito de cooperação
Hábito de colher informações sobre um assunto dado e reportá-lo à classe.
Hábito de fazer uso de tôdas as fontes de informação acessíveis.
Hábito de ser econômico. Hábito de julgar e decidir.
Aumento de habilidade no emprêgo do metro e de seus submúltiplos.
Habilidade no manejo das brochas e pincéis, no emprêgo do material para pintar, encerar e polir.
Hábito de limpeza. Hábito de assumir responsabilidade no trabalho.
Aumento de habilidade no cálculo, na leitura e na redação.
Aumento de habilidade no desenho.
Manejo do serrote, da serra circular, da plaina, do martelo. Habilidade em usar material ilustrativo.
Hábito de leitura em livros e revistas.
Habilidade em usar informações necessárias ao desenvolvimento do plano estabelecido.
Manejo de alguns instrumentos de precisão.

Habilidade em decorar e pintar vasos, em fazer quadros, em recortar gravuras.

X) ATITUDES E APRECIACÕES

Respeito pelas idéias e opiniões alheias.
 Desenvolvimento do espírito de iniciativa e crítica.
 Apreciação da economia.
 Apreciação sôbre o valor do dinheiro e o bom uso que dêle se deve fazer.
 Estudo comparativo sôbre diversos tipos de decoração.
 Apreciação sôbre o valor do papel e da influência do livro na formação do progresso humano.
 Apreciação sôbre a arte indígena
 Apreciação sôbre a arte marajoara em particular.
 Apreciação sôbre o "habitat" do algodão.
 Apreciação sôbre a indústria do algodão, do linho, da sêda.

XI) RECREAÇÕES

Interêsse em organizar tabelas de preços e compará-las.
 Prazer em pintar, limpar e ornamentar a sala. Aumento de interêsse pelo desenho e pelo recorte.
 Aumento de interêsse na leitura. Desenvolvimento do gôsto pela decoração de vasos, pelo bordado, pelo "crochet".
 Prazer em ilustrar barras e confeccionar quadros.
 Interêsse em bordar e fazer flôres. Interêsse pela arte indígena. Interêsse pelo conhecimento das primitivas civilizações.
 Prazer em tornar limpa, bela e confortável a sala de aula.
 Interêsse em organizar dramatizações referentes à vida e costumes dos selvagens.

(Fim)

PROJETO II — COMEMORAÇÃO, NA ESCOLA, DO "DIA DAS MÃES"

1) CONHECIMENTOS GERAIS

1.1) Dia das Mães — data: 2.º domingo de maio.
 Fixação dos dias da semana.

1.2) Escolha dos presentes para a mamãe:
 Sugestões para presentes:

1.2.1) Para higiene individual: pente, escôva, escôva de unhas, sabonete, lenço.

Conhecimentos:

— Noções sôbre higiene e asseio individual.

1.2.2) Para o vestuário: vestido, casaco, guarda-chuva, galochas, bôlsa, cinto, sapatos.

Conhecimentos:

— Vegetais usados no vestuário
 — Animais usados no vestuário
 — O vestuário de acôrdo com as estações
 — O vestuário de acôrdo com as condições do tempo

1.2.3) Para decoração da casa: flôres, vasos com plantas.

Conhecimentos:

1. A flor como parte da planta. Sistematização dos conhecimentos relativos à vida da planta.

2. Utilidade das plantas — na alimentação, no vestuário e na habitação.
3. Escolha da terra para encher o vaso. Observar: a água penetra mais depressa em certos terrenos como os arenosos do que em outros como os barrentos. A água se infiltra na terra.
4. Plantar fôlhas de begônias e mudas de roseiras em vasos. Regá-las e esperar seu desenvolvimento. Observar o aparecimento e crescimento dos brotos.
5. As plantas nascem de sementes e também por mudas.

1.3) Sugestões para a festa: doces.

Conhecimentos:

1. Ingredientes para os doces, de origem vegetal e de origem animal.
2. Animais úteis ao homem.
3. Produtos de origem animal.
4. Animais nocivos ao homem.
5. Necessidade de proteger os alimentos do contato com as môscas.

1.4) Organizar um programa especial para o 2.º domingo de maio, Dia das Mães:

- 1.4.1) Passeio a um ponto pitoresco da cidade. Sugestões: Ilha de Paquetá, Lagoa Rodrigo de Freitas, Pão de Açúcar, Corcovado, Quinta da Boa Vista.
— Planejamento do passeio: escolha do meio de transporte — Comparação entre os meios de transporte atuais e os antigos.

- O Rio de Janeiro moderno e o Rio antigo.
- Estudo do itinerário: acidentes que podem ser vistos: mar, lagoa, rios, ilhas, pontes e túneis.
- Movimento de pessoas e veículos: o trânsito.
- Edifícios modernos e antigos: comparação entre o modo de vida de hoje e o de antigamente.

1.5) Presentes confeccionados pela criança: mesmo os presentes comprados deverão receber a contribuição do trabalho da criança. Assim, os trabalhos manuais ocuparão um grande lugar nos planos de aula preparatórios para o Dia das Mães.

1.5.1) Lembramos, entre outros, os seguintes trabalhos:

1. Caixas forradas para diferentes fins (guardar sapatos, cintos, jóias, etc.).
2. Envelopes de matéria plástica para proteger lenços e meias.
3. Vasos para plantas, pintados e decorados pelas crianças.
4. Panos para copa e cozinha, marcados.
5. Saquinhos com alfazema para perfumar a roupa.
6. Porta-pentes em couro ou feltro.
7. Queijeiras em talagarça bordada.

1.6) Hábitos e atividades a serem desenvolvidos:

1. Manter o asseio corporal.
2. Zelar pelo asseio e conservação dos objetos

- de uso individual ou coletivo, de propriedade particular ou pública.
3. Proteger as plantas e animais inofensivos.
 4. Ingerir alimentos sadios.
 5. Manter os alimentos preservados da poeira e das moscas.
 6. Reconhecer o valor e a importância de todas as profissões honestas na vida da comunidade (condutor, jornalista, motorista, baileiro, etc.).
 7. Portar-se convenientemente na rua, obedecendo aos guardas e aos sinais de trânsito.
 8. Respeitar a precedência (fazer fila para comprar passagem, tomar o ônibus, etc.).
 9. Respeitar a propriedade alheia (não invadir propriedade, não devastar as plantas).
 10. Evitar ruídos desnecessários, a fim de não perturbar as pessoas que estejam trabalhando ou repousando (ter o cuidado de falar à meia voz; não gritar inutilmente).
 11. Zelar pelos bens públicos (não escrever nos bancos nem gravar nomes nas árvores ou danificar as plantas).
 12. Cooperar para o bem geral (não jogar papéis e cascas pelo chão).

2. MATEMÁTICA

2.1) Sugestões para presentes:

- 2.1.1) Tecidos para fins diversos: o *m* como medida de comprimento.
- 2.1.2) Noção de que 1 m tem 100 centímetros.
- 2.1.3) Uso da régua centimetrada.
- 2.1.4) Doces: o quilo, o meio quilo e o quarto de quilo:

Conhecimentos:

1. Multiplicação com fator 2.
2. Divisão com divisor 2.
3. Noção de metade.
4. Noção de dobro.
5. Divisão com divisor 4.
6. Noção de quarta parte.
7. Noção de quádruplo.
8. Emprego das frações $\frac{1}{2}$ e $\frac{1}{4}$.

2.1.5) Outros presentes:

1. Cálculo mental usando dezenas, meias dezenas, dúzias e meias dúzias, centos e meios centos.

2.2) Planejamento da parte financeira:

- 2.2.1) Despesas com o presente.
- 2.2.2) Despesas com o material da festa.

Conhecimentos:

1. Moedas e cédulas brasileiras.
2. Leitura e escrita de quantias com cruzeiros.
3. Idem, idem, com cruzeiros e centavos.
4. Idem, idem, só com centavos.
5. Adição e subtração até cem cruzeiros.

2.3) Hábitos e atividades a serem desenvolvidos:

1. Resolução de problemas sem dados numéricos.
2. Resolução de problemas formulados pelos alunos.

3. Resolução de problemas propostos pelo professor, com uma ou duas operações.
4. Resolução de problemas seriados.
5. Emprêgo das expressões: compra, despesa, trôco.
6. Cálculos com quantias até 100 cruzeiros.

3. LINGUAGEM

- 3.1) Intercâmbio, oral ou escrito, de sugestões para presentes.
- 3.2) Organização de dedicatórias para acompanharem os presentes.
- 3.3) Seleção do material que figurará na festa da escola.
- 3.4) Organização do programa da festa.
- 3.5) Confeção dos convites.
- 3.6) Conhecimentos a serem adquiridos e desenvolvidos:

3.6.1) Leitura:

1. Leitura oral e silenciosa de textos, em prosa ou verso, relacionados com o Dia das Mães.
2. Interpretações de pequenas histórias sôbre o amor materno.

3.6.2) Composição:

1. Compor, oralmente e por escrito, frases alusivas à data.
2. Transmitir, oralmente e por escrito, pedidos de material para organizar o programa.
3. Transmitir, oralmente e por escrito, convites para a festa.
4. Reproduzir pequenas histórias.

5. Contar, oralmente, fatos em que tenha tomado parte, ou que tenha presenciado, e em que se destaque o amor materno.
6. Dramatização de historietas relativas ao assunto.

3.6.3) Gramática:

1. Exercícios de fixação sôbre vogais e consoantes (necessidade de ordenar os diversos números do programa).
2. Exercício de pontuação. Exemplo: amo a mamãe! Você já escolheu o presente para sua mãe?
3. Aquisição da noção de qualidade:
Exemplo: mamãe tem habilidade, inteligência, beleza, alegria, bondade; então, ela é habilidosa, inteligente, bela, alegre, boa.
— Mamãe faz economia, caridade, carinho; então ela é econômica, caridosa, carinhosa.
4. Concordância da qualidade com o nome:
mamãe boa; poesia linda; festa interessante; flor cheirosa.

3.6.4) Literatura:

1. Memorizar quadrinhas ou pequenas poesias alusivas às Mães.

(Fim)

Observação importante (nossa): o autor desse trabalho tão interessante, que acabamos de ler, imaginou-o para ser um PLANO DE TRABALHO, isto é, uma forma de tornar atraente e oportuna a aprendizagem de tôdas as noções citadas, tomando como *motivação* o Dia das Mães.

No entanto, esse mesmo Plano de Trabalho passará a ser UM PROJETO se tiver como objetivo *comemorar o Dia das Mães*, isto é, organizar uma emocionante festa na escola, para a qual todos os meninos trarão suas mães. Durante a festa, cada aluno entregará à sua mãezinha o presente que houver preparado.

(Este trabalho foi publicado na revista "ELO", do Rio de Janeiro, número 18, do mês de abril de 1955, sem indicação de autor.)

§ 50) TÓPICOS PARA DISCUSSÃO

1. Explicar esta frase: na vida diária não existem "matérias"; a vida é globalizada.
2. Imagine um centro de interesse sobre "Brasília", faça o respectivo gráfico e descreva-o.
3. Mostrar como se organiza um "Plano de trabalho", ou "Unidade de trabalho", segundo o esquema

Tema
Motivação
Desenvolvimento
Conclusão.

4. Formule um "plano de trabalho" sobre *Brasília*, mostrando a diferença entre sua resposta ao item 2) e a este item.

5. Explicar o que é um *projeto* e qual a diferença entre este e os dois métodos anteriores (o de centros de interesse e o de plano de trabalho).
6. Organizar um projeto sobre "Dia da Criança", mostrando o que poderia ser sugerido aos alunos, sobre o mesmo.

§ 51) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. BACKHEUSER, Everardo — "Técnica da Pedagogia Moderna"; Civilização Brasileira; Rio, 1934.
2. BALLESTEROS, A. — "El método Decroly"; Editorial Losada; Buenos Aires, 1945.
3. HAMAIDE, Mle. — "El método Decroly"; La Lectura; Madrid, 1923.
4. KILPATRICK, W. H. — "The Project Method"; Columbia University Press; New York, 1918.
5. SAINZ, Fernando — "El método de proyectos"; Editorial Losada; Buenos Aires, 1945.

CAPÍTULO X

Socialização do Educando

§ 52) CONCEITO DE SOCIALIZAÇÃO

Há um certo número de anos atrás, a palavra “socialização” era perigosa: pensava muita gente que era qualquer coisa de “socialismo”, de “comunismo”... Também o termo “comunidade” era mal visto, porque parecia algo de comunismo. Esqueciam-se que as Ordens ou Congregações católicas se chamam a si mesmas “comunidades religiosas”.

Felizmente hoje “socialização” e “comunidade” já foram liberados e quase todos sabem que “socializar” significa “tornar social”, “mergulhar na vida da comunidade”. É assim que dizemos “a medicina atualmente está socializada”, isto é, os médicos quase só trabalham em instituições sociais (Institutos de Previdência, Autarquias, Sindicatos, Indústrias).

Portanto, *socializar* o indivíduo é mergulhá-lo na vida social. E como o mundo de hoje é altamente *socializado*, uma das primeiras obrigações da escola é cuidar da *socialização* do aluno, isto é, da sua preparação para a vida social do nosso tempo.

§ 53) MUNDO SOCIALIZADO

Vivemos num mundo intensamente socializado: 1) O trabalho, que antigamente era realizado em família, na oficina do fundo da casa, passou a ter lugar nas fábricas e usinas. 2) A religião, cujo culto se fazia em casa, passou a ser feito na igreja. 3) A comida, que

antigamente era produzida em casa, desde o plantio até o preparo final, é cada dia mais preparada nas fábricas e já vem pronta, em sacos, caixas ou enlatada, para nossa casa. 4) A educação, que os pais davam aos filhos em casa, para isso contratando "tutores" e "preceptores", é hoje ministrada na escola. 5) As festas e os divertimentos familiares, como os célebres "serões" que fizeram a alegria de nossos avós, foram substituídos pelas festas nos clubes e nas "boites".

Infelizmente, cada vez mais o indivíduo vale menos. Para ter força, ele deve integrar um grupo, um partido político, uma associação, um sindicato.

A socialização é, pois, um dos característicos dominantes do mundo atual. Então, se a finalidade da escola é preparar para a vida, e se a vida é altamente socializada, também a escola tem o dever de socializar seus alunos, isto é, prepará-los para esse mundo intensamente social em que vivemos.

§ 54) OS DOIS FINS DA EDUCAÇÃO

Não se julgue, daí, que desejamos fazer da escola apenas uma agência de socialização. Esse foi o pensamento de alguns partidários ferrenhos da Escola Nova, que chegaram a dizer: "a finalidade da escola é socializar o indivíduo". Não. A Educação Renovada, menos extremada, diz o seguinte: a finalidade da escola é dupla: desenvolver tôdas as capacidades do indivíduo, e integrá-lo na vida da comunidade.

Não desejamos que o indivíduo desapareça, se dilua, no seio da comunidade, perdendo sua personalidade. Queremos um meio termo equilibrado, em que a escola prepare o indivíduo para ser uma *pessoa humana*, e ao mesmo tempo para ser um membro da comunidade, trabalhando pelo *bem comum*.

O que desejamos é a transposição para a escola daquele eterno princípio proclamado pelo Cristo: "*ama*

teu próximo como a ti mesmo". O respeito à pessoa humana, individualmente, está naquele "*a ti mesmo*"; a dedicação aos outros, ao bem da comunidade, está naquele "*ama teu próximo*".

§ 55) NOSSO INDIVIDUALISMO

Feito esse esclarecimento, que a escola não se destina apenas a socializar, vamos tratar neste capítulo da tarefa socializadora da escola, visto que até hoje, no Brasil, tem ela sido demasiadamente individualista, deixando quase completamente de lado o aspecto *social* da vida humana.

Por índole, por formação histórica, por herança, o brasileiro é um povo individualista. Não temos até hoje formado essa cousa tão necessária que se chama o *espírito de equipe*. É sempre com dificuldade que conseguimos realizar uma obra coletiva, seja numa repartição pública, numa Comissão do governo, num livro ou num clube.

É difícil conseguir-se, por exemplo, que várias repartições públicas trabalhem coordenadamente para o mesmo objetivo. São precárias até hoje as condições de vida do nosso movimento cooperativista, das nossas Cooperativas.

Por tôdas essas razões, a escola primária precisa dedicar grande atenção ao problema da formação de uma mentalidade social entre os alunos, desenvolvendo o espírito de solidariedade ao próximo, de cooperação, de respeito às opiniões e aos direitos alheios. Numa palavra: a escola precisa ensinar os alunos a viverem juntos, a trabalharem juntos, a *conviverem*.

§ 56) PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO

Vimos a *teoria* da socialização: agora vamos examinar na *prática*, os processos de socializar o aluno;

entre outros, o professor poderá lançar mão dos seguintes recursos:

AS 16 MANEIRAS DE VOCE SOCIALIZAR
OS SEUS ALUNOS

1. Participação ativa na aula.
2. Convivência fora da aula.
3. Espírito de equipe.
4. Métodos de ensino socializados.
5. Histórias de companheirismo.
6. Grupos de recreação.
7. Canto orfeônico.
8. Comemoração dos aniversários.

9. Jogos didáticos.
10. Números de conjunto, nas festas.
11. Jornal de classe.
12. Jornal mural.
13. Vida social da comunidade.
14. Comissão de Relações Públicas.
15. Comissões internas.
16. Instituições escolares.

1. O processo mais simples e, ao mesmo tempo, mais essencial é a *participação*: os alunos devem participar ativamente da aula, em todos os momentos. Essa *participação* é o próprio fundamento da *ESCOLA VIVA*. Realiza-se mediante o diálogo, a discussão entre professor e alunos. Mas deve estender-se a todo desenrolar da aula. Tudo que o mestre tiver de fazer em classe, deverá ser feito *com os alunos*.

2. O segundo grande processo é a *convivência*, o estabelecimento de relações cordiais entre professor e alunos, que deve continuar *fora da aula*, no corredor, nos recreios, na rua, na casa do mestre e na dos discípulos. Não pode haver *socialização* dentro da sala de

aula e desconhecimento, indiferença, muralha fora da sala.

3. Levar os alunos a trabalharem juntos, para formar o espírito de equipe, tão necessário. Para isso, em vez de se exigir sempre o exercício ou "dever" individual, determinar algumas vezes que seja feito *em grupo*, constituindo cada 4 alunos uma unidade.

4. Usar mais vezes os métodos pedagógicos socializados, que obrigam ao trabalho em comum. Tais são os métodos de "*centro de interesse*", "*plano de trabalho*" e "*método de projetos*".

5. Nas aulas de Linguagem, nas horas de leitura, nos livros da Biblioteca, procurar sempre *histórias de companheirismo*, para contar aos alunos, ou para que eles próprios as leiam. Em seguida, fazer comentários sobre a beleza desses princípios de solidariedade, cooperação, auxílio mútuo. Fazer os meninos se entusiasmarem pelo tema dos 3 Mosqueteiros:

— "*Um por todos e todos por um.*"

6. Estimular os alunos a formarem grupos de recreação e atividade, tais como, por exemplo, as *patrulhas* do Escotismo. Aliás essa útil instituição faz a apologia da vida em grupo e em comunidade, nas excursões, acampamentos, "fogo do Conselho", etc.

7. Estimular o grupalismo na música e na educação física. O *canto orfeônico*, por exemplo, é uma atividade de alto sentido educativo e que, para seu êxito, exige absoluto espírito de entendimento mútuo, de equipe.

8. Nas simples verificações de aprendizagem, na classe, transformar a argüição individual num jogo, numa competição entre partidos que se formem no momento.

9. Nas festividades escolares, dar preferência aos números de conjunto (côro, danças, dramatizações), evitando os números individuais de poesias, tão do agrado de certas mães (mas de valor educativo muito menor que o número de conjunto).

10. Comemoração dos aniversários dos alunos — Não existe realização mais *social* que a festa de aniversário, em todos os países do mundo, em tôdas as camadas sociais. A escola sendo, como tem obrigação de ser, o prolongamento da família, não pode deixar passar na indiferença o dia de anos de cada criança. A comemoração, em *plena sala de aula*, pode restringir-se a uma palavra da mestra, seguida de cântico em côro do “parabéns para você”, e, no fim do mês, incluir uma festinha coletiva, se possível com bôlo de velas e distribuição de balas. Na parede da sala de aula, um belo cartaz assinalará “os aniversariantes do mês” (calendário dos aniversários).

11. Confeção do jornal de classe, onde cada aluno deve fazer alguma cousa: escrever artigos, poesias, humorismo, fazer desenhos, inventar charadas. Se o jornalzinho fôr manuscrito, cada colaboração deve ser escrita pela própria mão do autor.

12. Da mesma forma, na confeção do “jornal mural”, numa parede, ou num quadro da sala de aula, ou do corredor da escola, cada aluno deverá trazer sua colaboração, seu recorte de jornal, sua gravura, resultando assim o jornal de um trabalho de comunidade.

13. Os alunos devem participar da vida social da comunidade: festas de aniversário na casa dos colegas; visita aos colegas doentes (guardadas as restrições da prudência, da Higiene e da Medicina); comparecimento a missas; visita a personalidades importantes que venham à nossa cidade, etc.

14. Para os assuntos da vida social da escola e *relações públicas* (isto é, relações entre a escola e as instituições da comunidade), deve o professor sempre nomear uma “comissão”, em vez de enviar um aluno só. Exemplo: comissão para falar com o Prefeito ou com o dono do cinema.

15. Igualmente para as atividades da vida interna da escola, que, dentro dos cânones da Educação Renovada, devam ser partilhadas com os alunos, o professor nomeará ou pedirá aos meninos que elejam *uma comissão*. Exemplo: comissão de recepção aos visitantes, comissão de festa, comissão de exposição, etc.

16. Finalmente chegamos ao grande instrumento da socialização dos alunos na escola: — as *Instituições Escolares*, ou Instituições Sociais da Escola. O Clube de Leitura, o Pelotão ou Clube de Saúde, o Centro Cívico, o Clube Agrícola e várias outras são a mais completa oportunidade para se desenvolver a vida social, isto é, a *socialização* dos alunos.

As Instituições Sociais da Escola são, por definição, *grupos* de atividade, onde o espírito de *equipe* se impõe por si mesmo. Em qualquer delas nenhum trabalho proveitoso se fará sem a cooperação decidida dos sócios ou membros do Clube, trabalhando em conjunto.

É imprescindível, portanto, para a *socialização do educando*, que a escola e o professor de classe dêem a máxima ênfase possível à criação e funcionamento das Instituições Sociais escolares. (Vide instruções a respeito, no capítulo XVI, §§ 103 a 116.)

§ 57) TÓPICOS PARA DISCUSSÃO

- 1) Que se entende por *socialização do aluno*?
- 2) Há alguma relação entre essa expressão e a palavra *socialismo*?

- 3) Mostre alguns fatos que provem estarmos vivendo num mundo *altamente socializado*.
- 4) Cite pelo menos 5 processos através dos quais você pode socializar seus alunos.
- 5) Os alunos devem participar da vida da comunidade? Sim ou não?
- 6) Se respondeu afirmativamente à questão anterior, mostre como fazê-lo.
- 7) Como encara a Educação Renovada a questão dos aniversários dos alunos e o que aconselha?

§ 58) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. AMARAL FONTOURA — “Sociologia Educacional”; volume II da coleção “A ESCOLA VIVA”; Editôra Aurora; 7.^a edição; Rio, 1960.
2. BACKHEUSER, Everardo — “Manual de Pedagogia”; Editôra Globo; 3.^a edição; Pôrto Alegre, 1955.
3. DE HÔVRE — “Ensaio de Filosofia Pedagógica”; Ediciones Fax; Madrid, 1945.
4. LOURENÇO FILHO — “Introdução ao Estudo da Escola Nova”; Edição Melhoramentos; São Paulo, sem data.

Unidade III

DISCIPLINA ESCOLAR

CAPÍTULO XI

O problema da disciplina escolar

§ 59) TEORIAS SOBRE A DISCIPLINA

O problema da Disciplina Escolar, sendo um dos mais sérios da Educação, não pertence a nenhuma das disciplinas pedagógicas em particular: aparece na Psicologia Educacional, na Sociologia Educacional, na Filosofia da Educação e reaparece na Prática de Ensino.

Naquelas três cadeiras se estudam as teorias sobre a Disciplina Escolar, em seus fundamentos psicológicos, sociológicos e filosóficos. Não iremos repetir aqui tudo quanto já dissemos sobre o assunto, em nossos livros “Fundamentos de Educação”, “Sociologia Educacional” e “Psicologia Educacional”⁽¹⁾

Queremos apenas lembrar, em resumo, que o problema da disciplina escolar compreende três fases históricas:

- I) Fase autoritária
- II) Fase psicológica
- III) Fase sociológica.

(1) Sobre Disciplina Escolar vide “Fundamentos de Educação”, capítulo IV; “Psicologia Educacional”, capítulo VIII; “Sociologia Educacional”, capítulo XVI. Todos êsses volumes fazem parte da coleção “A ESCOLA VIVA”, da Editôra Aurora, Rio.

Na primeira, acreditava-se que disciplina era *autoridade*: o professor seria tão melhor quanto mais “enérgico” e “severo” fôsse, quanto mais “silêncio” conseguisse em sua sala.

Na segunda fase, compreendeu-se que cada aluno é *uma personalidade*, tem sua constituição e temperamento próprio, e que por isso não podemos exigir que tôdas as crianças sejam iguais, ajam da mesma forma, gostem das mesmas cousas. Muito mais sério do que isso, porém, compreenderam os professôres que a indisciplina do aluno na escola é, muitas vêzes, conseqüência dos seus problemas domésticos, dos dramas que compõem as suas *vivências*, dos recalques e complexos que carrega em seu inconsciente. Então, em vez de se *castigar* o menino turbulento e rebelado, procurou-se descobrir as causas dêsse *desajustamento*, para removê-las (ou pelo menos tentar eliminá-las).

Na terceira fase, aquela em que vivemos atualmente, ao fator psicológico juntou-se o fator sociológico: hoje compreendemos que a disciplina é um problema *social*, de relações sociais, entre a criança e o meio ambiente; da criança com a escola, com os colegas, e, sobretudo, com o professor. De tudo resultou que hoje se aceita êste princípio:

disciplina é ajustamento.

Crianças saudáveis, vivendo numa família bem organizada, numa escola bem dirigida, com um professor capaz, competente, consciente de sua missão, não apresentam problemas de disciplina. A indisciplina do aluno, de regra geral, é a conseqüência de fatores externos a êle: a família, o meio ambiente, a escola, e, principalmente, o professor.

§ 60) O PROBLEMA DA DISCIPLINA NA PRÁTICA

Na cadeira de “Prática de Ensino” temos que encarar a Disciplina do ponto de vista estritamente *prá-*

tico: como deve proceder o professor em face do problema, na rotina diária da escola.

Dentro dêsse aspeto inteiramente *prático*, podemos dividir os alunos em três grandes grupos:

- os disciplinados
- os indisciplinados
- os que às vêzes se tornam indisciplinados.

§ 61) CONCEITO DE ALUNO DISCIPLINADO

— Mas que é um aluno disciplinado?

Recusamos categoricamente aquêle antigo conceito, segundo o qual aluno disciplinado é o que está sempre quietinho, não conversa com os colegas, fala quando o professor manda e cala quando o professor faz um sinal com a mão. Isso não é criança disciplinada: é autômato, é boneco de mola.

Não é êsse o aluno disciplinado, segundo nosso conceito. Devemos até desconfiar dêsses alunos muito quietos e muito comportadinhos, pois êles estão *contra a própria natureza infantil*, que é agitada, inquieta, bulhosa.

Esses garotos muito quietinhos, disciplinados de mais, autômatos, pertencem a três tipos:

a) A criança sem personalidade, sem vontade própria, personalidade doentia, que em Psicologia recebe o nome de *abúlico* (do grego *a* = não, e *boulia* = vontade); muitas vêzes o excesso de quietude é uma marca de forte *retardamento mental*.

b) A criança excessivamente tímida, que, por temperamento fica *inibida*, tolhida diante de terceiros não pertencentes à sua constelação familiar, mas que no seu ambiente natural, isto é, no lar, se revela mais conversada.

c) A criança de personalidade disfarçada, falsa, que finge ser quietinha para iludir os outros, com medo de sofrer castigos.

O aluno normal, comum, só é disciplinado dentro de certos limites; cumpre seus deveres, fica quieto na aula, presta atenção, não conversa, segue os regulamentos *mais ou menos*, isto é, quando acha que deve segui-los, pois tem vontade e opinião próprias.

Qual é esse "certo limite" dentro do qual a criança normal é disciplinada? — Exatamente a *capacidade didática* do professor, ou seja, sua competência para dar aulas boas, interessantes, vivas, bem motivadas.

Se as aulas não obedecem a êsses requisitos, a criança não conseguirá prestar atenção, e, não tendo em que empregá-la, fatalmente irá conversar, brincar, fazer desenhos nas páginas do livro, jogar bolinhas de papel no vizinho, ou dar petelecos no colega da frente.

Podemos tachar esse aluno de "indisciplinado"? Não. Perguntamos: não é fato sabido por todos os estudantes de Psicologia Educacional que toda criança normal é *ativa*, de uma atividade biológica, constitucional, incoercível?

Como pretender, então, que ela permaneça parada, quietinha, imóvel, muda, durante quatro horas a fio, prestando atenção a cousas que não interessam, ditas por uma pessoa que não sabe atraí-la?

Veja-se a atitude da criança, de *profunda atenção*, quando alguém que sabe contar histórias lhe conta uma, bem bonita; ou quando assiste, embevecida, um programa de televisão. Nessas ocasiões não precisamos recomandar: — "menino, fique quieto, preste atenção!"

O que precisamos fazer, em nossas aulas, é torná-las interessantes e atraentes como se fôsem histórias, ou vivas e dinâmicas, como programas de televisão. Não dizemos, note-se bem, que a aula deva ser um brin-queda constante ou uma sucessão de histórias, mas sim que o mestre precisa aproximar-se dessas atitudes, que são a verdadeira forma de atrair e conquistar a criança.

Não se argumente que o professor brincando em aula desce da "sua responsabilidade". Um dos maiores homens que o mundo já conheceu, Abraham Lincoln,

presidente dos Estados Unidos, foi certa vez visitado por um embaixador de outra nação, que encontrou o grande presidente andando de quatro, no salão, com o netinho em cima, como se estivesse montado a cavalo. Ao ver o embaixador, no seu uniforme brilhante de condecorações, Lincoln perguntou: "Vossa Excelência também tem netos?" E diante da resposta afirmativa do embaixador, continuou: "então permitirá que eu termine esta volta ao salão"...

A dificuldade é conseguir encontrar o meio termo adequado: nem o professor austero e sem capacidade de brincar com os alunos, nem o mestre que brinca demais, perdendo o objetivo pedagógico, didático, da aula. Não precisamos agir como o grande Lincoln para sermos bons professores.

Como se vê, o problema da disciplina se desloca do aluno para o mestre. Aluno disciplinado é aquele que se porta bem *quando lhe oferecem condições para isso*.

Aluno disciplinado é o resultante do bom professor, do professor que sabe dar aulas e conquistar os meninos pelos seus predicados morais e sociais. Em uma palavra:

os bons alunos são fruto do bom professor.

§ 62) CONCEITO DE ALUNO INDISCIPLINADO

Mas por melhor que seja o professor, por mais que ministre boas aulas, vivas, alegres e interessantes, há às vezes alunos que não prestam atenção, perturbam a aula, são turbulentos: a êsses é que poderemos chamar de *indisciplinados*. São os que se portam mal quando todas as condições do meio, do mestre e da aula os deveriam levar a portar-se bem.

Esses são, na realidade, os *desajustados*: estão desajustados em face do meio e dos colegas. Note-se, porém, que tais meninos portam-se mal não porque não estejam gostando da aula, mas porque não estão gostando da vida. Estão *desajustados* na vida.

Tais garotos são sofredores: carregam recalques e complexos. Seu mal comportamento na escola é uma expressão do seu sofrimento, é uma forma de desrecalque, de libertação ou *vingança*. Vingança inconsciente, talvez, contra aquilo que a vida lhes nega.

Nessa situação se encontram sobretudo os vários tipos de *criança escorraçada* (1):

- 1) a criança sem pais,
- 2) o enteado,
- 3) o filho ilegítimo,
- 4) o filho adotivo,
- 5) a criança feia,
- 6) a criança pouco inteligente, que possui irmãos mais brilhantes,
- 7) a criança pobre, revoltada com a pobreza,
- 8) a criança abandonada,
- 9) a criança maltratada pelos pais, a criança que não recebe carinho no lar.

Em sã consciência poderá o mestre castigar esses indisciplinados, sabendo que a causa da sua indisciplina não está nêles, mas na sua família, no seu meio ambiente, na vida?

A solução não será, pois, castigar, mas descobrir as causas da indisciplina e procurar removê-las!

Dentro do espírito realístico que imprimimos a este livro, não vamos repetir o que dizem alguns: que o professor primário poderá resolver esses problemas

(1) Sobre "criança escorraçada" ver nosso livro "Fundamentos de Educação", capítulo IV, §§ 37 e seguintes.

de desajustamento familiar e social. Não. Sòmente por exceção poderá fazê-lo. Ou bem que a professôra cuida das aulas ou bem que é assistente social. Ninguém pode tocar piano e violino ao mesmo tempo!

Se a assistente social não pode dar aulas, como esperar que a professôra possa fazer Serviço Social? Só excepcionalmente poderemos encontrar uma mestra que após um dia de trabalho escolar ainda possua disposição para ir à casa de alunos, distante às vêzes quilômetros, para discutir com a família os problemas psicológicos e sociais do menino.

A única solução acertada, necessária e urgente é criar no mecanismo da escola primária brasileira duas funções novas: a de *orientador educacional*, que irá estudar os aspetos psicológicos de cada caso de aluno desajustado, e a do *assistente social escolar*, que irá estabelecer a ponte entre a escola e a família, visitando esta última e propondo soluções para os desajustamentos familiares que verificar (2).

Enquanto os Estados, por suas Secretarias de Educação, não se dispuserem a criar tal serviço, não se espere que a professôra de classe faça milagres. O que se pode esperar é que as novas mestras, com sua inteligência e compreensão, não castiguem de qualquer maneira os meninos *desajustados*, pois, como se disse, êles são a consequência, o reflexo de uma situação ambiental ou de família. Castigá-los seria aumentar-lhes o desajustamento e a revolta! Seria o mesmo que uma criatura doente nos vir solicitar remédios, e em vez de medicá-la, nós a puníssemos, fazendo-a ficar ainda mais doente!

(2) Tivemos ocasião de verificar pessoalmente que já existe na Secretaria de Educação de Pernambuco um "Serviço Social Escolar", dirigido com dedicação pela Professôra Jônia Lemos S. Melo. Fazemos votos que a Secretaria forneça todos os recursos necessários ao êxito de tão bela iniciativa, e que os demais Estados sigam êsse exemplo.

§ 63) OS INDISCIPLINADOS OCASIONAIS

Além dos meninos que são ordinariamente *disciplinados* e os que são comumente *indisciplinados*, existe o terceiro grupo, daqueles que são quase sempre disciplinados, mas que uma vez por outra se manifestam indisciplinadamente.

Antes de tomar qualquer medida punitiva, deve o mestre perguntar-se: — por que procedem assim? Talvez porque naquele dia acharam a aula supinamente monótona. Talvez porque tenham tido motivos de aborrecimento em casa. Talvez porque estejam adoentados, mal dispostos... — Não acontece a mesma coisa conosco, os adultos? — Não há uns dias em que respondemos mal, na repartição, a outras pessoas, porque nos aborrecemos em casa? Ou damos vasa a nosso mau humor, em casa, porque brigamos na repartição?

É preciso que não queiramos que nossos alunos sejam mais perfeitos do que nós próprios...

Outra causa existe, a provocar a indisciplina ocasional de alunos normalmente ajustados: é a de se exigir deles mais do que podem dar. Pretender que o menino esteja sempre disposto a vir ao quadro-negro quando chega uma visita à sala de aula; ou que esteja pronto para recitar “aquela poesia que você sabe”; ou que saiba todo dia a lição da véspera; ou que estude Linguagem tanto quanto se aplica em Matemática; ou que goste muito de Trabalhos Manuais — tudo isso é exigir da criança mais do que ela pode dar.

O ilustre professor MIRA Y LOPEZ diz muito bem: — “Por que vamos exigir das criaturas mais do que aquilo que elas podem dar?” — Pois não é mesmo uma falta de senso exigir que um indivíduo nos dê um canhão, se sabemos que êle não o possui?

De nossa parte, quando aconselhamos às professoras que tenham paciência com as pequenas atitudes negativas de seus alunos, costumamos dizer às abnega-

das mestras: — *Cada um só pode dar o que tem; não podemos esperar que as laranjeiras dêem figos!*

Outra medida recomendada ao educador inteligente é “não querer ver demais”. Às vezes a pequena travessura ou falta do aluno não oferece perigos nem conseqüências más, sendo mais aconselhável fingir que não vê, do que ver e ter que tomar providências, punindo o aluno.

Ninguém melhor do que o grande santo educador, DOM BOSCO, com a sua maravilhosa *pedagogia do amor*, soube definir êsse problema:

— “o professor tem que saber ver e também saber não ver.”

§ 64) COMO CASTIGAR OS ALUNOS?

De tudo quanto dissemos neste capítulo, não conclua o leitor que somos “contra o castigo” e que devemos deixar os alunos fazerem tudo que quiserem. Não. Julgamos, porém, que se deva castigar o mínimo possível.

Já excluimos da idéia de punição aquêles alunos que se mostram “indisciplinados” porque o professor não sabe dar aulas interessantes e atraentes. Se alguém deve ser punido nesse caso, é o professor, e sua punição consistirá em esforçar-se por dar melhores aulas amanhã.

Colocamos fora do campo da punição os alunos *desajustados*, as *crianças-problemas*, aquêles que são maus alunos porque a vida é má para êles. Tais alunos precisam de *tratamento* e não de castigo. Necessitam não de punição, mas de compreensão e *amor*.

Afirmamos que, às vezes, o ato de indisciplina é tão sem importância que mais vale o mestre fazer que não o vê.

Mas resta sempre uma certa área de mau comportamento, de atitudes anti-sociais ou pouco morais dos alunos, que não podem deixar de ser punidas, sob pena de se repetirem e tornarem-se *hábitos* condenáveis.

Como punir os alunos, nesses casos?

Preliminarmente, o castigo não pode assumir o aspeto de *vingança*, que denote raiva do professor contra o aluno. Ficam assim banidos de maneira absoluta quaisquer punições humilhantes (tal como, antigamente: “ficar de pé no canto da sala”, “ficar de cara para a parede”, “ficar no corredor”, etc.).

Quando o aluno comete falta, a primeira providência do mestre é *procurar as causas* da atitude censurável, chamá-lo em particular, ter com êle uma “longa conversa”.

A atitude da professora não deve jamais ser a do policial que pune, nem do juiz que condena, mas a da mãe que repreende, orienta e aconselha com amor.

Em caso de repetição de faltas, poderá ser impôsto um castigo, mas êste deverá ser sempre a *privação de uma recompensa*: privação de um passeio, de uma festa, de um prêmio.

O maior de todos os castigos que se pode infringir a uma criança (seja nossa filha ou nossa aluna) é a privação do nosso amor, desde que, é claro, ela sinta que a amamos e isso a faça feliz. Dizer para o aluno: “ah, você fez isso, então eu não gosto mais de você!”, é para êle pior do que ficar 3 dias prêso na hora do recreio...

A escola nova repele qualquer idéia de castigo: acha que o aluno deve proceder bem porque tem “consciência do seu dever” e não por medo de castigos. E quando sai da reta trilha, o que o mestre tem a fazer é reconduzi-lo, pelo raciocínio, ao bom caminho, apelando para sua razão.

Não somos dessa opinião. Quando se esgotaram os “apelos à razão”, o mestre precisa fazer alguma coisa mais.

Repetimos, apenas, que a punição não deve ser nada que humilhe ou fira o aluno, ou que prejudique um direito seu (como, por exemplo, merendar) porque tais punições têm efeito negativo: tornam o aluno revoltado contra o mestre.

Em suma, achamos que o mestre é um segundo pai. A boa professora é uma segunda mãe. Por isso, pode e deve castigar seus alunos como a mãe castiga seus filhos: sem raiva e com amor. Muitas vêzes com o coração sangrando, a boa mãe castiga o filho porque sabe que isso é para o bem dêle, a fim de que se emende, e não volte a cometer aquela falta. Punir é, também, mostrar que se tem amor à criança.

§ 65) OS CASTIGOS PERMISSÍVEIS

Eis algumas das fórmulas de punição aconselháveis:

1. “Todos os alunos vão ao passeio amanhã, menos o Paulo, porque fez uma coisa que não devia”...
2. “Todos os meninos vão ganhar essas balas, menos um que fez uma coisa censurável hoje”...
3. “Todos podem entrar no time de futebol, menos o Paulo, porque...”
4. “A professora está muito triste com o Paulo porque...”

Mesmo assim, sempre será possível o Paulo, à última hora, mostrar-se arrependido, e a professora suspender a execução da pena...

Mas de tôdas as formas de punição a que mais efeito produz sobre a criança normal é mesmo a de número 4, desde que a mestra ame seus alunos e se tenha feito amar por êles.

§ 66) TÓPICOS PARA DISCUSSÃO

- 1) Explicar as 3 fases da história da disciplina escolar.
- 2) Em que consiste a *fase psicológica*? Que se entende por auto-disciplina?
- 3) Em que consiste a *fase social* da disciplina?
- 4) Que é “aluno disciplinado”, no conceito da Pedagogia Moderna?
- 5) Mostrar como a *indisciplina* do aluno é, muitas vezes um problema do mestre.
- 6) Explicar a relação entre indisciplina e *desajustamento* familiar.
- 7) Enumerar as formas de punição que você poderá empregar na sua escola.

§ 67) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. AGUAYO, A. M. — “Didática da Escola Nova”; Editôra Nacional; São Paulo, 1935.
2. AMARAL FONTOURA — “Sociologia Educacional”; volume II da coleção “A ESCOLA VIVA”; Editôra Aurora; 7.^a edição, Rio, 1960.
3. BACKHEUSER, Everardo — “Manual de Pedagogia Moderna”; Editôra Globo; Pôrto Alegre, 1946.
4. SERRANO, Jônatas — “A Escola Nova”; Schmidt Editor; Rio, 1932.

Unidade IV

DIREÇÃO DA APRENDIZAGEM

CAPÍTULO XII

Direção técnica da aprendizagem

A exemplo do problema “disciplina”, a “direção técnica da aprendizagem” é um problema abordado por várias cadeiras: Psicologia Educacional — Didática Geral — Prática de Ensino.

Analisamos essa importante questão em nosso livro “Psicologia Educacional” e com mais desenvolvimento ainda o estudamos em nosso volume “Didática Geral”.⁽¹⁾

Aqui na “Prática de Ensino” vamos, pois, e apenas, abordá-la do ponto de vista da *prática*, isto é, da rotina diária do professor.

§ 68) ENSINO E APRENDIZAGEM

Na escola tradicional o professor *ensinava* e os alunos aprendiam se quisessem ou se pudessem. Na Didática Moderna, ao contrário, o importante é a *aprendizagem* do aluno. A escola existe exclusivamente para que o aluno *aprenda*.

Ora, ensino e aprendizagem são um só fenômeno: olhado do ponto de vista do mestre, chama-se *ensino*; encarado do ponto de vista do aluno chama-se *apren-*

(1) Vide “Psicologia Educacional”, volume 5.^o e “Didática Geral” volume 9.^o desta nossa Coleção “A Escola Viva”, Editôra Aurora, Rio.

dizagem. São como o lado côncavo e o convexo de um prato de sôpa: se não houver o côncavo, não pode haver o convexo...

Se não houve *aprendizagem* não podemos de maneira nenhuma dizer que houve *ensino*. O que houve foi conferência, palestra, dissertação, explanação do professor, tudo que quiserem, menos *ensino*.

É preciso fixar bem êste conceito: sem *aprendizagem* não existe *ensino*. O que mede o ensino do professor é a aprendizagem do aluno.

Bom mestre é aquêle que consegue fazer os alunos aprenderem.

§ 69) CONCEITO DE APRENDIZAGEM

Quanto à *aprendizagem*, já sabemos o que é: aprender não é saber de cor, não é guardar muitos nomes "de cabeça", não é saber repetir "na pontinha da língua" tudo aquilo que o professor falou, ou que se leu nos livros...

Aprender é saber agir diferentemente. Aprender é modificar a atitude.

Exemplo: se o mestre ensina que os alunos devem dizer "eu o vi", mas se os meninos repetem isso direitinho na aula, e, fora da classe, na rua ou em casa, continuam a dizer "eu vi êle", então os garotos não aprenderam, pois não modificaram sua forma de expressão, sua atitude perante a linguagem.

Aprender é modificar sua conduta. É adquirir novas formas de reação perante a vida. *Aprender é modificar-se*.

§ 70) ESCOLA VIVA

Daí a necessidade que tem o professor de fazer ESCOLA VIVA. Não é possível o aluno aprender novas reações perante a vida, novas formas de conduta, apenas... ouvindo o professor falar.

O mestre pode diàriamente falar sobre "as boas maneiras", a gentileza, a polidez, e os alunos continuarão impolidos, brutos, selvagens, se o mestre não os fizer *praticar*, isto é, *viver* os princípios da boa educação, transformar aqueles princípios teóricos em vivências.

Eis o que é a ESCOLA VIVA de nossos sonhos: é aquela em que o aluno *participa* da aula, conversa, discute, vibra, age, ou, numa palavra, *vive* o que aprende, e aprende porque vive, porque pratica aquilo que o professor ensina.

§ 71) CONDIÇÕES GERAIS DA APRENDIZAGEM

Encarando do ponto de vista estritamente *prático*, podemos então estabelecer como condições gerais necessárias a uma boa aprendizagem:

I) O *professor*, sua capacidade didática, sua personalidade, seu conhecimento da matéria;

II) A nutrição, a saúde e a capacidade mental do aluno;

III) A vida emocional da criança, livre de grandes problemas de ordem afetiva, social ou econômica;

IV) O ajustamento do aluno ao nível da turma;

V) Uso de métodos modernos, adequados ao nível da turma e à matéria;

VI) As condições materiais (prédio, sala de aula, luz, ar, mobiliário e equipamento);

VII) O planejamento e a motivação das aulas.

§ 72) MOTIVAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Das sete condições gerais da aprendizagem, acima citadas, uma das mais importantes é sem dúvida a *motivação*.

Já abordamos o problema da motivação na "Psicologia Educacional" e na "Didática Geral", nesta mesma Coleção. Vamos apenas acrescentar que, de ângulo *prático* a motivação deve ser simples, fácil, condizente com as *vivências* dos alunos.

Exemplo de motivação muito complicada:

— "Vocês, meninos, sabem que dia é hoje? 3 de maio. Antigamente se comemorava a descoberta do Brasil nesta data. Depois se verificou que a descoberta fôra a 22 de abril. O Brasil faz parte de uma terra muito maior, que é a América. Então vamos conversar hoje sobre a América?"

Exemplo de motivação simples, que agrada em cheio e logo desperta a vivacidade da turma:

— "Vocês sabem quem ganhou o jôgo ontem, entre o Fluminense e o América? Pois foi isso mesmo. Mas vocês sabem porque esse clube tem o nome de América? É uma homenagem a essa grande terra, onde estão situados o Brasil e vários outros países. Então vamos conversar sobre esses países *americanos*?"

Exemplo de uma motivação bem adequada:

Está chovendo e isso sempre causa um certo reboliço na aula. Os alunos não gostam: a chuva impede os passeios e os jogos. A professora: "vocês têm razão, meninos, a chuva atrapalha muito nossa vida. Mas também nos causa muito bem. Algum de vocês sabe dizer uma utilidade da chuva? Para as plantações? E para outros fins? Vocês sabem de onde vem a água que bebemos? E a luz elétrica?" (E por aí afora...)

Podemos, resumidamente, apresentar como fontes de motivação:

I) O *interêsse* do momento: aquilo que atualmente, ou no instante, está despertando o interêsse ou a preocupação das crianças.

Essa é sem dúvida nenhuma a melhor fonte de motivação.

Aquêles acontecimentos que estão "na ordem do dia", no noticiário dos jornais e dos rádios, provavelmente estão presentes no espírito dos alunos, que ouvem as discussões em casa e nas estações radio-emissoras.

Muitas vezes os próprios alunos estão por tal forma interessados que eles mesmos interrogam a professora, logo de saída: — "Professora, que é que a senhora acha disso assim, assim?"

Está aí a motivação fornecida pelos próprios meninos, cabendo ao mestre apenas a habilidade de ligar esse assunto com os de Ciências, Geografia ou Linguagem cabíveis no caso.

II) O *prazer*, nos termos da "lei hedônica" de THORNDIKE: aprendemos mais facilmente aquilo que nos causa prazer. Qualquer forma de prazer, de alegria sadia com que o professor possa iniciar sua aula é uma bela fonte de motivação.

III) A *curiosidade*, tão forte nas crianças, bem como outros instintos infantis (instinto de imitação, de jôgo, de competição).

IV) Em síntese, a aula é bem *motivada* quando o professor consegue estimular os alunos, fazê-los vibrar, participar intensamente, raciocinar, agir com entusiasmo.

§ 73) TÓPICOS PARA DISCUSSÃO

- 1) Que diferença existe entre “ensino” e “aprendizagem”?
- 2) Definimos a Didática como sendo a “direção da aprendizagem”. Por quê essa definição?
- 3) Que se entende por aprendizagem? Podemos dizer que “saber de cabeça” é aprender? Sim ou não? Por quê?
- 4) Qual a importância do “ensino ocasional”? Dê um exemplo do “ensino ocasional” aproveitando um dia de chuva.
- 5) Indique pelo menos 6 recursos que você pode empregar para tornar mais eficiente a aprendizagem nas suas futuras aulas.

§ 74) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. AGUAYO, A. M. — “Pedagogia Científica”; Editora Nacional; São Paulo, 1936.
2. AGUAYO, A. M. — “Didática da Escola Nova”; Editora Nacional; São Paulo, 1935.
3. AMARAL FONTOURA — “Didática Geral”; volume IX da coleção “A ESCOLA VIVA”; Editora Aurora; Rio, 1960.
4. BURTON, William — “The Nature and Direction of Learning”; Appleton & Co.; New York, 1909.
5. PALMER, Anthony — “Progressive practices in Directing Learning”; Macmillan Co.; New York, 1929.

Unidade V

MANEJO DE CLASSE

CAPÍTULO XIII

A Aula: início, desenvolvimento, fim

§ 75) CONCEITO DE MANEJO DE CLASSE

Chama-se “manejo da classe” o conjunto das atividades que o professor desenvolve à frente da sua turma de alunos. É o trabalho de “execução do ensino” na sua rotina diária. Paradoxalmente, é o assunto menos tratado nos compêndios de “Prática de Ensino”, talvez por ser julgado menos primoroso para figurar nas páginas de um livro...

Muitas professorandas nos têm contado que chegam a suas escolas sem a mínima noção dessa *rotina de trabalho*, que afinal de contas representa 70% ou 80% da vida do professor, pois o resto é a parte de “preparação”, que o mestre executa em casa, mergulhado nos livros e revistas, mantendo em dia sua cultura e preparando as aulas do dia seguinte.

Fiéis ao nosso pensamento, tantas vezes exposto, afirmamos aqui mais uma vez que *bom professor* não é aquele que tem muitos *conhecimentos*, vasta *cultura*, numerosas *teorias*, mas sim aquele que tem muita *didática*, isto é, que sabe *conquistar* as crianças, tornar sua aulas *vivas e queridas*, e sabe *manejar a turma*, conduzi-la no sentido desejado, tal como o maestro conduz a orquestra, ou como um verdadeiro líder orienta seu grupo.

Nos 4 capítulos que constituem esta Unidade V trataremos precisamente do manejo da classe, dessa rotina escolar, que pode parecer assunto de terceira ordem, mas do qual muito depende o êxito do professor em sua missão.

§ 76) CONCEITO DE AULA

A palavra *aula* é usada em três sentidos diferentes:

- a) Como sinônimo de lição, de preleção: "o professor fulano deu uma bela aula sobre as flôres".
- b) Como conjunto de atividades de um dia escolar; por exemplo: das 8 às 12 horas, ou das 12 às 16 horas.
- c) Como cada fração desse período; por exemplo: das 8 às 12 horas há 4 ou 5 aulas.

No sentido (a) aula significa o conteúdo, aquilo que se ensina. Nos segundo e terceiro sentidos, aula significa extensão, tempo de duração daquilo que se ensina.

§ 77) DURAÇÃO DA AULA

No ensino de grau secundário e superior a duração taxativa de uma aula é de 50 minutos. Nem mais nem menos. Em concursos para o magistério têm sido desclassificados professores pelo fato de terminarem a "prova de aula" antes dos 50 minutos regulamentares. Na escola primária, a situação é completamente diversa.

Os educadores da Escola Nova são radicalmente contrários à idéia de dividir o dia escolar em 4 ou 5 aulas, com duração marcada pelo relógio. Afirmam, em primeiro lugar, que não pode haver *aulas*, porque não há *matérias*, separadamente a ensinar. Na Escola

Nova, sendo o ensino globalizado, não há Português nem Matemática nem Geografia: há apenas *crianças que se educam*, e os conhecimentos são ensinados na medida em que surge sua necessidade, ou quando são solicitados pelo interesse da criança.

Sempre que não houver divisão em *matérias*, automaticamente desaparece a divisão em *aulas*, com tempo marcado pelo relógio. Isso não impede que o mestre reparta o tempo em várias atividades, pois é claro que não vai passar o dia inteiro fazendo uma coisa só. Ainda aqui a escola deve assemelhar-se ao lar. Em nossa casa não fazemos tudo marcado a relógio, mas pelo menos temos o tempo repartido entre as refeições, a higiene pessoal, a leitura dos jornais, os trabalhos domésticos, a hora de assistir o programa de rádio, etc. Em suma: existirá sempre uma divisão do tempo, na escola primária, embora não rígida.

§ 78) DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO NO ENSINO GLOBALIZADO

Se o professor usa o sistema de ensino *globalizado*, a aula pode durar até o dia todo, isto é, coincidir com o dia escolar, cuja duração é de 3 horas nas escolas de 3 turnos, e de 4 horas e meia nas escolas de 2 turnos.

Não haverá nenhum inconveniente nessa aula que dura 4 horas, porque ela não versa sobre *um* assunto, o que seria insuportável a qualquer criatura humana, mas sobre quatro ou cinco ou mais assuntos diferentes, ali concatenados.

Por exemplo: depois de um diálogo ou discussão sobre "a habitação dos homens e dos animais" (que pode ter durado 30 ou 40 minutos, o professor manda que os alunos façam pesquisas nos livros da Biblioteca, a fim de verificarem tudo que ali existe sobre esse problema. As crianças poderão fazer pesquisas na Biblioteca por outros 40 ou 50 minutos. Naturalmente o professor, ao organizar seu plano de aula, já

verificou quais os livros ali existentes que tratam do assunto, e já os separou, para facilitar o trabalho das crianças.

Terminada a pesquisa, os alunos voltarão para a sala e o assunto poderá ser retomado em discussão oral, estudando-se "a habitação através dos tempos" (História) e "a habitação através dos lugares" (Geografia). A seguir, os meninos irão desenhar tipos de habitação, bem como construí-los em madeira, caixa de fósforo, barro ou tabatinga, papelão, etc. Esses dois itens poderão ter consumido 40 minutos o primeiro e uma hora o segundo.

Enfim, o último tempo disponível poderá ser empregado com uns alunos fazendo redação e outros resolvendo problemas de matemática relativos à habitação. Seguir-se-á, como despedida, um cântico alusivo ao assunto.

Em resumo, tivemos:

QUADRO DA DISTRIBUIÇÃO DE UM DIA ESCOLAR

1. Diálogo "habitação dos homens e dos animais".	40 minutos
2. Pesquisas na biblioteca	60 "
3. Diálogo: a habitação através do tempo e do espaço	40 "
4. Desenho e Trabalhos manuais sôbre a habitação.	60 "
5. Redação e problemas de matemática sôbre a habitação	30 "
6. Educação artística (cântico alusivo ao assunto).	10 "
TOTAL	240 minutos
7. Tempo destinado ao recreio	30 "
TOTAL	270 minutos

ou sejam, 4 horas e meia, que é a duração comum do dia escolar nas escolas de 2 turnos.

§ 79) DURAÇÃO DA AULA POR MATÉRIA

Se, porém, o professor em vez de usar o sistema de ensino globalizado, prefere o ensino do tipo tradicional, por matérias, então, num dia escolar de 4 horas e meia, haverá 4 ou 5 aulas sucessivas, com meia hora de intervalo para o recreio.

Nesse caso, o mestre disporá de 6 tempos, isto é, de 6 aulas com 40 minutos cada uma. É altamente aconselhável que uma aula do tipo tradicional, na escola primária, nunca ultrapasse dos 40 minutos, podendo descer até 30 minutos, conforme a aridez do assunto.

Poder-se-ia, então, distribuir o tempo assim:

1. Linguagem	40 minutos
2. Matemática	40 "
3. Geografia	40 "
— Recreio	30 "
4. História	40 "
5. Ciências Naturais	40 "
6. Música e Canto	40 "

Imaginemos uma escola que funcione em dois turnos, o primeiro das 7,30 às 12 horas e o segundo, das 12,30 às 17 horas, cada qual com 4 horas e meia de duração.

Essas 4 horas e meia, ou sejam, 270 minutos de permanência na escola, comportam cinco tempos de 40 minutos cada um, 30 minutos de recreio, 20 minutos

de entrada e saída (10 minutos para cada) e mais 20 minutos para outra atividade. Eis o esquema:

Entrada — 7,30 horas da manhã
Das 7,30 às 7,40 — Formatura, cânticos, avisos
Das 7,40 às 8,20 — 1.ª aula
Das 8,20 às 9,00 — 2.ª aula
Das 9,00 às 9,30 — RECREIO
Das 9,30 às 10,10 — 3.ª aula
Das 10,10 às 10,50 — 4.ª aula
Das 10,50 às 11,30 — 5.ª aula
Das 11,30 às 11,50 — 6.ª aula
Das 11,50 às 12,00 — Formatura, cânticos, avisos
Saída — 12 horas

Vejamos até que ponto se pode fazer *Educação integral* nesse espaço de tempo, conforme tanto preconizamos no capítulo V (vide parágrafos 23 a 33).

1. A *Educação artística* terá seu lugar nos 10 minutos iniciais e finais, com cânticos e hinos.
2. A *Educação religiosa* poderá ocupar os 20 minutos da 6.ª aula. Ou a 5.ª aula pode ficar com 30 minutos e a 6.ª com outros 30 minutos.
3. A *Educação econômica* será ministrada com os 40 minutos da 5.ª aula (*Artesanatos*).
4. Restam 4 aulas de 40 minutos que podem ser assim dispostas: 1.ª) Linguagem, 2.ª) Matemática, 3.ª) Ciências Sociais e 4.ª) Ciências Naturais. Todas elas se referem à *Educação Intelectual*.
5. Quanto à *Educação Moral, Social e Política*, conforme sempre salientamos, não devem ser contempladas com *aulas*, mas com ensinamentos em tôdas as ocasiões oportunas, e brotarão sobretudo do próprio ambiente da escola, do conjunto das atividades diárias, dos recreios, e, principalmente, do funcionamento normal das Instituições Sociais da escola.

6. Finalmente, a *Educação física* poderá ser ministrada na 6.ª aula, alternando-se com a *Educação religiosa*. Ou 3 vezes por semana na 6.ª aula e 2 vezes por semana na 5.ª aula, alternando-se nesta com a *Educação Econômica*.

Eis, então, o aspecto que tomaria o horário:

HORARIO	
Entrada — 7,30 horas da manhã	
Das 7,30 às 7,40 — Formatura, cânticos, avisos	
Das 7,40 às 8,20 — 1.ª aula — Linguagem	
Das 8,20 às 9,00 — 2.ª aula — Matemática	
Das 9,00 às 9,30 — RECREIO	
Das 9,30 às 10,10 — 3.ª aula — Ciências Sociais	
Das 10,10 às 10,50 — 4.ª aula — Ciências Naturais	
Das 10,50 às 11,30 — 5.ª aula — Artesanatos	
Das 11,30 às 11,50 — 6.ª aula — Religião	
Das 11,50 às 12,00 — Formatura, cânticos, avisos	
Saída — 12 horas	

Note-se que esse não é o sistema por nós preconizado. Propugnamos sempre pela globalização do ensino. Mas reconhecemos que nem todos os professores estão preparados para aplicar a globalização, e não vamos por isso deixar de lhes fornecer orientação, pois nosso desejo é que cada mestre dê as melhores aulas, dentro das suas possibilidades.

§ 30) INÍCIO DA AULA

Os 40 minutos que compõem uma aula se dividem em início, desenvolvimento e fim.

Início da aula são aqueles primeiros minutos em que o mestre toma contato com os alunos e vice-versa. Devem destinar-se aos cumprimentos, a algumas palavras de cordialidade (tal como acontece com as pessoas que vêm à nossa casa), referência a fatos ocorridos na véspera, etc.

É escusado dizer que o professor precisa entrar em sala *sempre de cara alegre*, sorridente, para mais facilmente estabelecer essa *ligação afetiva*, tão necessária para se conseguir qualquer resultado nas relações humanas e sobretudo indispensável no campo da Educação. (Veja-se o que já foi dito sobre o Amor, no § 10).

Além das tarefas de chamada e distribuição de material, de que adiante falaremos, o início da aula comporta dois itens: I) A ligação com a matéria anteriormente dada; II) A motivação para a aula do dia.

80.1) Ligação com a matéria anterior

É essencial que o mestre recorde o assunto da aula anterior, antes de entrar no assunto do dia, evitando assim que cada aula pareça um assunto novo, um compartimento estanque, um "ponto" do programa a mais, sem ligação com o que já foi dado.

Aproveitemos a boa psicologia dos filmes em série e das novelas de rádio, que sempre ao iniciarem um capítulo fazem um resumo da parte já vista, colocando o espectador dentro da situação anterior, para que ele possa melhor compreender e sentir a situação nova.

80.2) Motivação para a aula do dia

Tão importante quanto a ligação com a matéria anteriormente dada é a motivação para a aula do dia.

Sem motivação não há *aula*: há apenas um professor que fala sozinho e alunos que escutam quase à força, à custa de sucessivos e desesperados apelos do mestre:

- "Menino, presta atenção!"
- "Meninos, fiquem quietos!"
- "Menino, não conversa, pelo amor de Deus!"

Que significam essas constantes admoestações e réplicas do mestre? Significam apenas isto: que os alunos *não estão interessados* na aula! E não estão, ou porque a aula é mal conduzida pelo professor, ou porque não houve *motivação* suficiente.

Se eu não estou *motivado* para a "vida e obras dos pintores da Renascença", o melhor conferencista não prenderá minha atenção no assunto. No entanto, o indivíduo bem *motivado* pode ficar quatro horas seguidas debruçado sobre um álbum, colecionando selos velhos...

No caso dos pintores da Renascença, a única diferença entre minha atitude e a dos alunos, é que sendo eu adulto, tenho auto-contrôle, educação, e posso ficar quieto no meu lugar durante 50 minutos, mas sem prestar a mínima atenção ao conferencista. E a criança não estando *motivada*, não consegue ficar quieta, porque sua atividade vital, seu organismo não lhe permitem.

Acresce que *aula* não é conferência. Nesta há um homem que fala sozinho e pessoas que o escutam silenciosamente. *Aula* significa comunicação, comunhão, interpenetração entre professor e alunos. Significa ligação afetiva entre mestre e discípulos. Aula quer dizer *diálogo* entre professor e alunos, com troca de opiniões e de experiências. Aula, enfim, significa *participação ativa* e permanente do aluno, conforme exige a Educação Renovada. Essa participação é, inclusive, recomendada pelo Papa PIO XI na sua famosa Encíclica "Divini Illius Magistri", sobre a Educação, onde o Santo Padre ressalta "*a necessidade cada vez mais consciente da cooperação do aluno na sua educação*".

Mas não havendo *um motivo*, tal participação do aluno não ocorrerá: eis por que dizemos que sem motivação não há *aula* e sim conferência. Na educação primária e secundária, que se dirigem para infantes e

adolescentes, o sistema fundamental tem de ser a aula; no ensino superior, a conferência é a norma, porém neste mesmo nível cada dia mais cresce a grita em favor dos estágios, dos trabalhos práticos e demais atividades que aproximem o professor do aluno. O objetivo é quebrar essa barreira característica da conferência, que coloca um homem lá em cima, falando sozinho, e lá em baixo, distante, um auditório que nada faz senão ouvir. E até mesmo os conferencistas modernos já solicitam a participação do público, através dos debates que promovem no fim da conferência, onde todos podem falar, fazer perguntas, expor objeções.

§ 81) DESENVOLVIMENTO DA AULA

Esgotados os 5 ou 10 minutos iniciais da aula, já deve ter o professor passado insensivelmente daquela fase prévia para o desenvolvimento do assunto novo.

O desenrolar da aula pode compreender uma grande variação de atividades, entre as quais apontamos, a título de exemplo:

1. Conversa do professor com os alunos sobre o novo assunto (evitando-se, na medida do possível, a tal "preleção" em que o mestre fala sozinho).

2. Chamada de alunos ao quadro-negro, para fazerem desenhos, esquemas, quadros que ilustram a aula, naturalmente sob a orientação do mestre.

3. Anotações dos alunos em seus cadernos pessoais ou blocos de rascunho. Se for possível a anotação direta no caderno, será melhor, porque o bloco de rascunho acumula tantos apontamentos que em casa o aluno fica com preguiça (ou não tem tempo) de passá-los a limpo.

4. Apresentação do material condizente com a lição (mapas, figuras, cartazes, quadros, objetos), para ser examinado pelos alunos.

5. Exercícios orais, não apenas individuais, mas ainda *em côro*, o que desperta muita animação na turma.

6. Trabalhos feitos em grupo, pelos discentes; por exemplo: cada equipe de 4 alunos apresenta um trabalho, feito em comum.

7. Leitura silenciosa, feita na biblioteca ou na própria sala de aula, pelos alunos, nos livros previamente escolhidos pelo mestre.

8. Resumo oral, feito por alguns alunos, das leituras acima mencionadas.

9. Jogos didáticos para verificação da aprendizagem; tais jogos despertam sempre enorme interesse e entusiasmo da turma, pois, como salienta o grande pedagogo CLAPARÈDE, "*o natural da criança é brincar e imitar*". Tirá-la fora de sua natureza é torná-la inútilmente infeliz. (1)

10. Colocar um aluno para "dar uma aulinha de 5 minutos" sobre o assunto anterior (outro recurso que desperta muita sensação entre os garotos).

11. Estabelecer debates sobre a matéria, entre os alunos, formando-se partidos em disputa. No Colégio Sion as religiosas, de longa data, dividem a turma em dois partidos tradicionais: "Cabral" e "Colombo". Quaisquer outros partidos podem ser formados. Nem há inconveniente em, acompanhando o interesse da época, dar aos disputantes os nomes dos clubes de sua

(1) Sobre jogos didáticos ver nossa "Metodologia do Ensino Primário", onde apresentamos dezenas de jogos, separados por matéria, com todos os detalhes. A "Metodologia" é o volume III desta Coleção *A Escola Viva*. Editora Aurora, 5.ª edição, 1959.

preferência: Flamengo, Fluminense, etc. Os debates e as disputas precisam ser convenientemente organizados e moderados pelo professor, para não se transformarem em algazarra. Tudo na escola deve ter sentido construtivo e educativo.

12. Confeção de desenhos e trabalhos manuais ilustrativos do assunto, quando fôr o caso.

§ 82) FIM DA AULA

Todo mestre, inclusive o primário, deve ter a preocupação do tempo: o assunto a abordar precisa caber dentro do tempo disponível. Por isso, quando chegar aos últimos momentos da aula deve o professor estar terminando também a matéria, sem esquecer de marcar os "trabalhos para casa".

Não é de boa pedagogia querer o mestre que os alunos permaneçam ainda "uns minutos" na sala, para terminar o assunto da aula. Os garotos ficam inquietos, sôfregos, não prestam atenção, além de ser perturbada a disciplina geral da escola. Se o professor não houver terminado a aula, o único remédio será continuar no dia seguinte, e nunca ir além do toque da campanha indicativa do fim do dia escolar.

§ 83) TÓPICOS PARA DISCUSSÃO

1. Que se entende por "manejo da classe"? É importante êsse assunto? Por quê?
2. Que devemos considerar mais importante para o ensino: o professor de muita *cultura* ou o professor de muita *didática*? Por quê?
3. Mostre como pode ser dividido o dia escolar numa classe onde o mestre adote o método do "ensino globalizado".

4. Mostre como pode ser dividido o dia escolar numa classe onde o mestre adote o sistema do ensino dividido por matérias.
5. Explique por que é tão importante a *motivação* para a aula.
6. Que se entende por "aula"? Que duração pode ter?
7. Quais devem ser as medidas iniciais da professora, na sua aula?
8. Quais devem ser os cuidados da mestra ao findar a aula?
9. É de boa didática o professor esticar a aula "uns minutos" depois da hora? Sim ou não? Por quê?

§ 83-A) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. BURTON, William — "The Nature and Direction of Learning"; Appleton & Co; New York, 1909.
2. COLVIN, Stephen — "The learning process"; Macmillan; New York, 1929.
3. D'AVILA, Antonio — "Práticas Escolares"; 3 volumes; Editora Saraiva; São Paulo, 1950.
4. LUZURIAGA, Lorenzo — "Pedagogia"; Editorial Losada; Buenos Aires, 1957.
5. THORNDIKE, Edward — "Elementary Principles of Education"; The Macmillan Co; New York, 1929.

CAPÍTULO XIV

Os trabalhos de rotina diária

§ 84) A ENTRADA EM AULA

Os escolanovistas condenam a "forma" no pátio da escola, para a entrada em aula. Alegam que as crianças devem ir entrando normalmente para suas salas, sem necessidade de forma, que é rígida e artificial.

Discordamos desse conceito. A forma é uma das coisas boas da escola velha, que deve continuar. É símbolo de ordem. Marca com certa imponência o início de um novo dia escolar. É a ocasião de todos se encontrarem: alunos das várias séries, professores e diretor. É o momento deste último dar as boas vindas a todos, anunciar os avisos do dia e, ainda, é a ocasião de entoarem todos juntos, diretor, professores e alunos, os hinos ou cânticos escolhidos.

Além de todas essas razões, existe mais uma: a escola deve ser uma "*sociedade em miniatura*", a vida dentro da escola deve reproduzir a vida fora da escola. E em nossos dias nada existe de mais constante na luta diária do que a *fila*: para pegar o ônibus, para ir ao cinema, para fazer compras no mercado. A *fila* é um símbolo da democracia, pois iguala a todos e faz o homem importante esperar sua vez, atrás do homem humilde. Assim, a forma ou fila na escola prepara para a fila na comunidade.

Terminados os cânticos (principalmente o Hino Nacional, que precisa ser bem ensinado nas escolas,

embora não seja obrigatório todos os dias), cada professora acompanha sua turma para a sala.

No ensino de grau médio (isto é, secundário, normal, comercial e industrial) os alunos, já grandotes, devem entrar em sala e aí aguardar o professor. No primário, não: o professor deve entrar junto com os alunos, para poder controlar a turma desde o primeiro instante.

O percurso do pátio até a sala e a entrada nesta não precisam ser em "silêncio absoluto", como querem algumas pessoas, bastando que haja ordem e tranquilidade.

Ocupados os lugares (cada aluno deve sentar-se sempre no mesmo lugar), o professor procede à chamada e vai então dar início à aula propriamente dita, de que já nos ocupamos no § 80.

§ 85) A CHAMADA

Este aspeto da rotina diária, embora desagradável, precisa ser considerado, pois vai fornecer os dados para o mapa estatístico mensal, e mostrar quais os alunos que estão faltando.

Nas séries atrasadas, a chamada tem de ser feita evidentemente pelo professor. Nas séries adiantadas pode ser por este ou por um aluno, sob suas vistas. Preferimos seja procedida por um garoto porque é mais uma forma de *participação* do aluno na vida da escola. Aliás, por princípio, tudo que pode ser feito pelo aluno, nós, como professor, não fazemos, multiplicando, assim, as oportunidades da "participação ativa".

Se houver na classe o sistema de *monitores* (vide capítulo XI, Disciplina Escolar), caberá a estes proceder à chamada.

§ 86) DISTRIBUIÇÃO DO MATERIAL

O material a ser usado em cada aula deve ser distribuído o mais rapidamente possível, para evitar o *hiato nocivo*.

Costumamos denominar assim aquêles momentos em que a turma fica sem ter o que fazer, e, por isso, descamba para o barulho e a balbúrdia. As crianças, na classe, precisam estar sempre ocupadas em alguma coisa. (Os homens, na vida, também precisam ter sempre um que-fazer, para ocupar o espírito. Bem diz o provérbio que "a ociosidade é a mãe de todos os vícios").

O professor não pode deixar de cuidar previamente (se possível, de véspera) do material a ser apresentado na sua aula. Já sabemos que a presença desse material é imprescindível para tornar a escola *viva* e vibrante. O mestre será o maior beneficiado, pois valendo-se dos recursos da *educação visual* e não apenas da auditiva, conseguirá resultados muito melhores na aprendizagem.

Se o material puder ser pegado, manipulado pelos meninos, se permitir *experiências* pessoais, trabalhos manuais, então teremos atingido plenamente o ideal da Educação Renovada.

Mas não se pense que "material" significa aparelho caro, cousas para a mestra comprar à custa dos seus vencimentos. Não. Um simples monte de pedrinhas ou de pauzinhos é material suficiente para se dar uma boa aula de matemática na 1.^a série. E se o professor obtiver favas, sementes coloridas e cousas semelhantes, que se diferenciem pelas cores vivas, então melhor ainda.

Certa vez assistimos a uma das melhores aulas de nossa vida, na Fazenda do Rosário, em Minas Gerais: o professor entrou sobraçando dois enormes embrulhos, e logo começou a espicaçar a curiosidade dos alunos. — "Adivinhem o que é que eu tenho aqui!"

Logo se acendeu um rasilho de pólvora na turma: todos queriam adivinhar. E nós pensamos, lá do nosso canto: que ótima motivação é a curiosidade infantil, tão pouco aproveitada por nós, os educadores!

Abertos os pacotões, um continha numerosos peixinhos que o professor fez um aluno distribuir entre os colegas, e o outro maior continha... um fogareiro! Enquanto se preparava este último, o mestre deu uma brilhantíssima aula sobre os peixes. Brilhantíssima não porque dissesse cousas eruditas e profundas, mas porque foi uma aula *viva*, cada mocinha (era uma Escola Normal) manipulando o seu peixe.

Depois de se travarem diálogos sobre "a vida dos peixes", as alunas, com giletes, abriram a barriga dos bichinhos, estudando a morfologia, a anatomia e o esqueleto dos peixes. Enfim, foram alguns peixes preparados no fogareiro, em plena sala, e a aula terminou com as alunas... comendo os peixes!!

§ 87) COMO COLECIONAR MATERIAL

Insistimos em que não é necessário material didático especial para as aulas na escola primária: tudo pode ser feito pelos próprios alunos, ou conforme o caso, obtido pelo mestre.

Valiosíssima documentação conseguiremos, se criarmos o hábito de *coleccionar* tudo que tenha relação com os assuntos escolares: jornais, revistas, gravuras, figurinhas, almanaques de propaganda, referentes a Geografia, História, Ciências, Higiene, etc.

Em simples fôlhas de papel almaço duplas, que servirão de pastas, separaremos os escritos e as gravuras referentes a cada item, a saber:

1. "Gravuras para descrição"
2. "Indígenas"
3. "Anchieta"
4. "Escravidão"

5. "Brasil - Império"
6. "Brasil - República"
7. "Grandes vultos do Brasil"
8. "Amazônia"
9. "Nordeste"
10. "Meios de transporte"
11. "Agricultura"
12. "Indústrias"
13. "Assuntos de Ciências"
14. "Receitas para Trabalhos Manuais"
15. "Músicas e cânticos"
16. "Religião"
17. "Folclore brasileiro"
18. "Brasília"
19. "Páscoa"
20. "Pan-Americanismo"
21. "Tiradentes"
22. "Dia das Mães"
23. "Dia da Criança"
24. "Festa de São João"
25. "Dia do Papai"
26. "Caxias"
27. "Dia da Pátria"
28. "Bandeira Nacional"
29. "Natal"
30. "Jogos e testes"
31. "Assuntos de Matemática"
32. "Motivos para decoração"
33. "Assuntos diversos".

Em cada pasta dessas a professôra irá coleccionando:

- a) Gravuras
- b) Figurinhas
- c) Recortes de jornais
- d) Artigos

- e) Dramatizações
- f) Peças teatrais
- g) Músicas.

Devidamente "conquistados" pelo professor, os alunos passarão a colaborar de maneira valiosa para a formação dessa documentação, trazendo montes de revistas, figurinhas de balas, etc.

Claro é que o mestre não deve comprar revistas especialmente para recortá-las. Não concordamos com a idéia de que o professor ainda tenha de desembolsar dinheiro de seus magros vencimentos para comprar material escolar, assim como não exigimos que os médicos comprem medicamentos para os hospitais. O segredo é estar sempre alerta, de olho vivo, e com a *preocupação da escola*: onde o mestre estiver e encontrar material, pedi-lo sem cerimônia, pois não está pedindo para si, mas para as crianças da escola.

Muito material ilustrativo se consegue nos laboratórios farmacêuticos, nas repartições públicas, nas autarquias tipo Siderúrgica Nacional, Petrobrás, Vale do São Francisco, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nas Embaixadas dos vários países, nas companhias de navegação, empresas aéreas e de turismo, no SESI, SESC, etc.

Afora isso, a professora deve fazer força para conseguir que a escola assine pelo menos uma revista infantil, não daquelas horrorosas, de histórias de mocinhos, bandidos e policiais, mas do tipo "SESINHO", "TICO-TICO", "MIRIM", etc.

§ 83) MATERIAL CONFECCIONADO PELOS ALUNOS

Além desse material *colecionado* pelo professor com os alunos, há inúmeros objetos de uso didático, em Matemática, Geografia, Ciências, etc., que podem

ser confeccionados pelos alunos, na escola, à guisa de "trabalhos manuais". A respeito destes falaremos mais adiante (vide § 99).

§ 89) O RECREIO E A MERENDA

Embora esta afirmação possa chocar algumas pessoas, a verdade é que a hora do recreio é uma das mais sérias e graves da vida escolar. Pelas seguintes razões:

1) O professor deverá verificar se cada aluno trouxe merenda de casa, se esta é suficiente, se o garoto está sendo bem nutrido. Lembremo-nos que sem alimentação não há saúde, e sem saúde não há educação.

2) O problema da falta de merenda ou de sua insuficiência precisa ser encarado pelo mestre, para a descoberta de soluções. Mas não é assunto para se discutir neste capítulo.

3) O mestre aproveitará o instante da merenda para despertar atitudes de *Educação Social*: comer com modos, não comer de boca aberta, ajudar os outros; bem como atitudes recomendadas pela *Educação da Saúde*: não comer cousas caídas no chão, ter as mãos limpas, não sujar a roupa, etc.

4) Terminados os instantes da merenda, o professor deverá presidir os recreios, orientando os alunos quanto aos divertimentos preferíveis. Já existem vários livros sobre *Recreação dirigida*, que o mestre deve ler e aplicar no recreio de seus alunos.

5) O ideal é que os professores permaneçam durante o recreio no pátio, com seus alunos, e, tanto quanto possível, *brinquem com as crianças*. Com essa atitude estarão conquistando um lugar maior no coração de seus discípulos e, ao mesmo tempo, aproveitando

para formar nêles hábitos e atitudes de boa educação moral, social, política, etc., tais como:

- a) Respeitar os outros, especialmente os menores e os mais fracos;
 - b) Saber ganhar e, também, saber perder (o que é muito mais difícil);
 - c) Respeitar os direitos alheios, para que os seus próprios direitos também sejam respeitados pelos outros;
 - d) Desenvolver o senso de justiça: fazer sempre o que é mais justo;
 - e) Respeitar o capitão do time e o juiz do jôgo (noção de respeito ao líder e à autoridade).
- 6) Os esportes não devem ser violentos, a fim de que os alunos não voltem para a aula afogueados e exaltados.

7. Uma das mais importantes funções do recreio é permitir a livre manifestação do temperamento e do caráter do aluno, que na sala se apresentam muitas vêzes falseados pelas regras da disciplina. O recreio é "uma revelação", de que o mestre se aproveitará para conhecer melhor cada aluno e poder agir sôbre êle adequadamente.

8) Repetimos: os professôres devem permanecer na hora do recreio *com os alunos*, no pátio ou no quintal, observando-os e orientando-os devidamente nos seus folguedos. A hora do recreio é talvez a maior oportunidade dentro da escola para a educação dos alunos.

§ 99) USO DO QUADRO-NEGRO

O quadro negro desempenha relevante papel no ensino, sobretudo na Educação Renovada. Esta concede a maior ênfase possível ao *ensino visual*, a fim de que os alunos não fiquem em aula apenas escutando-

O ensino que entra pelos ouvidos e pelos olhos é aprendido duplamente. O ensino que se vale dos ouvidos, dos olhos e das mãos dos alunos, êsse é o ideal: eis aí a *escola ativa*.

Mas sempre que não possamos usar o trabalho manual dos meninos, pelo menos aproveitemos sua capacidade *visual*.

O quadro negro se presta grandemente para êsse fim: nêle o professor não se limitará a escrever os exercícios e "passar as lições", mas o aproveitará para apresentar a cada momento exemplos, gráficos, quadros, esquemas, e, sobretudo, desenhos.

Nada ilustra tanto a aula na escola primária como o desenho a giz de côr, no quadro negro. Não alegue o mestre que "não tem jeito" para desenhar: o que desejamos não é obra artística, perfeita, mas apenas o esbôço, que dê uma idéia aproximada da figura pretendida. — Pois não é assim também a pintura dos grandes mestres da atualidade, exposta nos salões internacionais de pintura?

De nossa parte, como professor, costumamos aproveitar o quadro negro até para concursos e competições de *verificação da aprendizagem*. Chamamos 4 ou 5 alunos de cada vez ao quadro (que ocupa tôda parede junto à mesa do professor) e mandamos que executem determinado trabalho. Aquêles que terminam mais depressa e certo será o vencedor. Depois, os vencedores de cada grupo competirão entre si, surgindo os "campeões".

Tal competição pode ser um ditado de palavras e frases, ou uma soma simples, para alunos de 1.^a série; contas mais complexas e ditados mais difíceis para os alunos de outras séries. Adapta-se a qualquer verificação da aprendizagem:

— "Vamos ver quem escreve mais depressa e certo o nome de 5 capitais de Estados brasileiros".

— "Escrevam todos aí no quadro a fração $\frac{20}{24}$ ".

Agora, tratem de achar qual a fração mais simples a que essa se reduz.

— “Escrevam o nome de 5 importantes produtos para a economia nacional.”

— “Escrevam o nome de 3 presidentes da república anteriores a 1930.”

Como se vê, as questões poderão ter a dificuldade que quizermos, dentro dos assuntos anteriormente abordados em aula.

Por essa forma conseguimos transformar a ida ao quadro negro em uma animada competição, tão do gosto dos alunos, deixando de lado aquele processo de mandar um aluno de cada vez, sozinho, processo monótono, através do qual enquanto o mestre argüi uma criança, as outras ficam sem ter o que fazer, brincando ou distraídas.

E os meninos perdem o “mêdo do quadro”, porque não vão ficar sozinhos, isolados, servindo de alvo de todos os olhares, mas vão competir, fazer uma cousa que tanto amam: o *jôgo*.

90.1) Regras para uso do quadro

Algumas regras precisam ser seguidas, no uso do quadro negro:

- 1) Usá-lo com método, começando a escrever da esquerda para a direita e de cima para baixo;
- 2) Escrever com letra bem clara e grande, que seja visível da última carteira;
- 3) Não apagar jamais com o dedo e sim com o apagador;
- 4) Nunca usar o apagador esfregando com força da esquerda para a direita e vice-versa, o que faz levantar nuvens de poeira. Usá-lo sempre e somente de cima para baixo, fazendo a poeira do giz cair sobre a barra inferior do quadro especialmente destinada a esse fim.

5) Mandar bater o apagador amiudadas vêzes, mas não junto da sala de aula.

6) O professor deve ficar ao lado do quadro, para não prejudicar a visibilidade dos alunos; sua posição deve ser meio voltado para o quadro e meio voltado para a classe.

7) Falar, e, em seguida, escrever rapidamente no quadro, a fim de manter o máximo de contato visual com os alunos.

8) Usar, sempre que possível, giz de côres, para diferenciar os assuntos, tornando a escrita mais atracente para as crianças.

§ 91) USO DOS SANITÁRIOS

Tudo é preciso aprender na vida, inclusive a usar os sanitários. É natural que as crianças não saibam usá-los se os pais também não o sabem. Muitos dêles talvez nem os tenham em suas casas. Os sanitários de qualquer casa de comércio, nas pequenas cidades ou nas grandes capitais, são de uma sujeira impressionante. As crianças apenas seguem os hábitos que lhes foram transmitidos pelos adultos...

O uso dos sanitários nas escolas primárias precisa obedecer, pelo menos, às seguintes regras:

- 1) Compartimentos separados para cada sexo;
- 2) O professor deve zelar para que essas dependências estejam rigorosamente limpas e lavadas, no início do dia escolar, para poder exigir do aluno: — “deixe este local como o encontrou”.
- 3) Faz parte dos objetivos da Educação da Saúde e da Educação Social o professor ensinar as crianças a se servirem adequadamente desses ambientes. Nas escolas onde o mestre se dá a esse trabalho, imediatamente se nota uma diferença enorme na limpeza dos compartimentos, o que mostra que os alunos não os

sujam por maldade, mas sim por ignorância e maus hábitos trazidos de casa.

4) Campanha constante contra a mania tão brasileira, fruto da nossa pouca civilização, de escrever e desenhar nas paredes dos compartimentos sanitários. Um amigo nosso, antigo Governador do Estado, dizia-nos: "eu começo minhas visitas de inspeção sempre pelos fundos: é pela cozinha e pelos banheiros que se conhece a repartição, o espírito de seus funcionários e a mentalidade de seu diretor. Nada mais certo!

5) Evitar que os alunos vão "lá fora" sem que isso seja inteiramente necessário (pela prática, o professor acaba conhecendo quando o aluno tem necessidade de ir, ou quando quer apenas distrair-se um pouco). Verificação já feita em vários lugares: quanto mais interessante é a aula do mestre, tanto menor é o número de alunos que pede "para ir lá fora"...

6) Não permitir aglomeração de alunos na entrada dos compartimentos.

7) Criar nos garotos o hábito de puxar a válvula da descarga e lavar as mãos após usarem o sanitário.

8) O professor deve aceitar com paciência que não se renova uma mentalidade secular (a da falta de higiene dos sanitários) em poucos dias; terá que ser uma campanha permanente, a cada dia recomendada, até que novos e bons hábitos higiênicos se enraizem nos alunos.

§ 92) SAÍDA DA SALA. FORMA.

Antigamente a saída da sala de aula obedecia ao ritual das palmas, após o toque da campainha: uma palma, guardar o material; segunda palma, virar para o lado; terceira, levantar-se; quarta iniciar a marcha. Era, na verdade, um belo espetáculo de disciplina militar..

Na educação renovada não se deseja tanta perfeição. Feito o cumprimento final, o mestre verifica

a saída dos meninos para que esta se faça normalmente, sem correrias nem empurrões, mas com boa educação.

— Deve haver forma? perguntam-nos sempre os professores. — "A Escola Nova não aboliu as formas?"

Resposta: nosso ideal e nossa campanha em prol da Renovação Educacional brasileira não são a favor da Escola ortodoxa, isto é, Escola Nova total; queremos aproveitar tudo de bom da Escola Nova e tudo "o bom" é a manutenção da forma, porém sem aquêle o ensinamento do grande *santo social* que foi SÃO PAULO:

— "*Examinai tudo, conservai o que é bom.*"

Por isso, examinando a abolição da forma, pregada pela Escola Nova, e o rigorismo da forma, pregada pela escola antiga, chegamos à conclusão de que "o bom" é a manutenção da forma, porém sem aquêle rigorismo das palmas, da "forma por altura" e dos "braços para trás".

93) TÓPICOS PARA DEBATE

1. Por quê devemos ser a favor da "forma" no início e fim do dia escolar?
2. Cite 6 assuntos a respeito dos quais você deve colecionar material, e mostre como poderá fazê-lo.
3. Apresente pelo menos 3 razões a favor da participação do professor no recreio dos alunos.
4. Que princípios devemos seguir para o bom uso do quadro-negro? Como transformá-lo em instrumento da Escola Ativa?
5. Quais os cuidados que deve ter o bom professor em relação ao problema dos sanitários?

§ 94) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. AGUAYO, A. M. — “Didática da Escola Nova”; Editôra Nacional; São Paulo, 1935.
2. D'AVILA, Antonio — “Práticas Escolares”; 3 volumes; Editôra Saraiva; São Paulo, 1950.
3. MATOS, Luiz Alves de — “Sumário de Didática Geral”; 2.^a edição; Editôra Aurora; Rio, 1959.

CAPÍTULO XV

*Desenho e Trabalhos Manuais
como instrumentos didáticos*§ 95) DESENHO E TRABALHOS MANUAIS
NÃO SÃO MATÉRIAS

Não é demais lembrar este princípio: o desenho e os trabalhos manuais não são matérias em si, não têm conteúdo próprio, como a Matemática e a Geografia. Não devem, pois, constituir *disciplinas à parte*, na escola primária. Ambos são, apenas, formas de expressão.

Deus deu ao homem uma série enorme de capacidades para se expressar, que não concedeu aos outros animais. Eis os “instrumentos de expressão”:

- a) Linguagem articulada (a palavra),
- b) Linguagem mímica (gestos, expressão fisionômica),
- c) Linguagem escrita (expressão a uma dimensão),
- d) Linguagem pictórica (o desenho, expressão a duas dimensões),
- e) Linguagem estereodinâmica (os trabalhos manuais, expressão a três dimensões),
- f) Linguagem convencional (bandeiras, tambores, telégrafo, sinais de estrada),
- g) Outras formas de expressão: pintura, música, arquitetura, indústria, etc.

Portanto, a escrita, o desenho e os trabalhos manuais constituem uma continuidade, uma série cres-

cente na escala dos meios de expressão humana (itens *c, d e e*).

Em estágios mais desenvolvidos do ensino (curso secundário e superior) o desenho e os trabalhos manuais podem ser considerados como matéria específica, e ensinados em aulas especiais, dada sua complexidade. Exigem do aluno uma certa vocação artística, ou, como se diz vulgarmente, "queda", "jeito".

Na escola primária, que reúne crianças entre 7 e 12 anos, o desenho e os trabalhos manuais não podem ter caráter vocacional, artístico, e, por isso, devem ser ensinados a todos os alunos, independente do "jeito" de cada um.

Servirão essas duas atividades como meios de expressão, como oportunidade para as crianças se afirmarem, darem vazão à sua necessidade de expansão.

§ 96) EXPRESSÃO PSICOLÓGICA

Desenho e trabalhos manuais têm uma grande expressão psicológica: a criança é como êsses artistas surrealistas, que nos assombram nos salões de pintura — ela não desenha o que vê, mas o que imagina, o que sente.

O desenho infantil expressa seus problemas psicológicos, seus anelos, seus recalques. Ninguém estudou melhor o assunto do que a ilustre psicóloga CHARLOTTE BUHLER, que, em seu livro "El Problema de la Infancia y la Maestra" (1) estuda casos de crianças-problema partindo sempre dos desenhos que as mesmas executam.

Da mesma forma os trabalhos manuais e a modelagem se prestam magnificamente para isso — servem como forma de libertação de seus recalques, ou,

(1) BUHLER, Charlotte — "El Problema de la Infancia y la Maestra"; Espasa-Calpe; Buenos Aires, 1952.

pelo menos, como pista para reconhecimento de suas fixações.

E nada disso poderá ser obtido se a professora *der aula* de desenho, mandando os alunos executarem *êste* ou *aquê*le desenho, impedindo-os assim de colocarem em funcionamento essa preciosa força interior que é a *imaginação criadora*.

§ 97) FORMA DE ATIVIDADE

Mas além do grande sentido psicológico acima citado, o desenho e os trabalhos manuais servem como *forma de atividade*, altamente desejada pelos alunos, cansados da escola de escutar apenas, da escola da imobilidade.

A criança adora *fazer coisas*, agitar-se, agir: em vez de o proibir, saibamos aproveitar êsse impulso biológico, dando coisas para ela fazer.

A criança tem uma enorme necessidade vital de atividade: canalizemo-la para o desenho, a pintura e os trabalhos manuais. Com isso a tornaremos mais feliz e também ficaremos mais felizes, pois não teremos que toda hora reclamar "— *fique quieto, menino!*", visto que a criança interessada no que está fazendo, fica quieta mesmo sem ninguém mandar...

Em nossa escola primária, de regra geral tão literária e teórica, tão palavrosa, o desenho e os trabalhos manuais representam quase uma libertação para os alunos e um alívio para a sobrecarga do professor.

§ 98) SENTIDO EDUCATIVO

Enfim, o desenho e os trabalhos manuais têm um sentido construtivo e educativo que não pode ser subestimado: são fatores de auto-disciplina, de auto-controle. Há um ditado que algumas professoras usavam antigamente: "*criança ocupada é criança calada*"; logo,

dêem-se ocupações para o aluno não ficar fazendo barulho em aula.

Propomos ligeira modificação no provérbio: *criança ocupada é criança auto-disciplinada*. Não achamos necessário que o aluno fique absolutamente calado durante o desenho e a confecção dos trabalhos. — Por que silêncio absoluto? Com que finalidade? Que benefícios traz essa atmosfera de cemitério?

Julgamos, isso sim, que os trabalhos manuais e o desenho absorvem de tal maneira a criança, que ela passa a fazer auto-disciplina sem ninguém mandar. Qualquer pessoa entretida num trabalho não pode ao mesmo tempo ocupar sua atividade em outras cousas, seja mexer com terceiros ou jogar bolinhas de papel no vizinho.

Noventa por cento das estrepolias dos alunos, chamadas "indisciplinas", que fazem o desespero do professor, tais como promover barulho, escrever nas paredes, rabiscar os quadros, fazer desenhos com canivete nas carteiras escolares, e outras semelhantes, resultam exatamente dessa necessidade de expansão, de atividade, de "fazer cousas", que é um imperativo biológico da criança, obrigada a permanecer horas e horas quieta, calada, sem fazer nada.

Compreendeu bem esse problema o grande santo educador, DOM BOSCO, precursor da Educação Renovada, que assim ensinava em seu célebre "método de disciplina preventiva": — a sabedoria do educador consiste em manter as crianças sempre ocupadas em algo.

Desenho e Trabalhos Manuais servem ainda para desenvolver algumas qualidades importantes na educação, quais sejam a capacidade de observação, o senso da medida, da proporção e do equilíbrio, o conhecimento das cores e dos materiais de trabalho, etc.

§ 99) INSTRUMENTO DIDÁTICO

Por tôdas as razões acima enumeradas, nas escolas primárias não pode e não deve haver aula de desenho e trabalhos manuais: um e outros servirão apenas para *ilustrar* e *concretizar* as aulas das outras matérias.

Como *instrumento didático* o desenho e os trabalhos manuais cabem na aula de Linguagem, de Matemática, de Ciências Sociais e de Ciências Naturais, conforme mostraremos a seguir. A questão é o professor sabê-los introduzir no momento oportuno, com a devida motivação.

Eis algumas das cousas que se podem fazer com êles nas várias matérias:

99.1) Em Linguagem

1. Organizar corridas de automóveis, com carros desenhados (ou, melhor ainda, pintados) pelos próprios alunos e, a seguir, recortados, onde os meninos escreverão as várias categorias de palavras (pronomes, verbos, preposições), para posterior trabalho de análise. Ganhará a corrida o aluno que souber analisar melhor.
2. Recortar formas geométricas semelhantes (quadrados, retângulos, trapézios) duas a duas, para fazer um jôgo sôbre sinônimos e, igualmente, sôbre antônimos.
3. Construção de lôto ou víspora de palavras, sôbre pedaços de papelão ou de madeira, as quais podem servir para a formação de frases, ou para sinônimia, ou para análise.
4. Desenho ou pintura de gravuras, que depois serão recortadas em pedaços irregulares, em cada qual os alunos escreverão uma pergunta sôbre gramática. As respostas estarão na gravura modelo, de forma que acertando essas respostas os alunos terão reconstruído

- LIC -

DOURADOS — MS.

a gravura recortada sôbre a gravura modelo. (É o tão conhecido quebra-cabeça, muito fácil de se entender, à vista dos modelos, mas extremamente difícil para se descrever) (1).

5. Árvore das frutas mágicas: os meninos pintam uma árvore bem grande, com frutas em cartolina, móveis, que possam ser colhidas. Nas costas de cada fruta se coloca uma pergunta sôbre gramática, que os alunos, ao colhêr, devem ir respondendo.

6. Desenho ou pintura de casas, árvores, aviões e quaisquer outros objetos, sempre dois a dois, um contendo uma pergunta e outro a respectiva resposta. Os alunos deverão "casar" os objetos semelhantes, tendo assim a pergunta e a sua resposta certa.

7. Pintura de um grande palhaço, com um saco de pano pendurado, onde estão as perguntas que os alunos deverão tirar para responder.

8. Os alunos das turmas mais adiantadas podem colaborar de maneira eficiente na aprendizagem da leitura de seus coleguinhas menores, recortando figuras de revistas, para colá-las sôbre fichas de cartolina. Em outros pedaços de cartão escreverão os nomes das figuras, competindo depois aos garotos da 1.^a série fazerem o jôgo do reconhecimento, isto é, colocarem o nome debaixo de cada figura.

9. JORNAL MURAL — Em uma grande tábua, pendurada na parede, ou sôbre cavaletes, os meninos preparam o Jornal Mural, cobrindo-a com fôlhas de papel em branco. Sôbre essas fôlhas fazem desenhos e pinturas, deixando intervalos, onde êles próprios irão

(1) Para entender o atraente jôgo, que, aliás, desperta enorme interêsse dos alunos, vide nosso livro de "Metodologia", páginas 200 e 386 (Volume III da Co.ção "A ESCOLA VIVA", Editora Aurora, Rio, 1959).

colar, depois, recortes de jornais e revistas com assuntos interessantes. Depois de certo tempo, havendo todos conhecido e discutido os assuntos, são retiradas as fôlhas primitivas e colocadas outras, recomeçando a confecção do Jornal Mural.

10. JORNAL ESCOLAR — Nenhuma atividade reúne melhor a Linguagem, a pintura e os trabalhos manuais do que a confecção do jornalzinho escolar, que pode ser inclusive feito em fôlhas de papel almaço liso, onde os meninos diretamente escreverão e pintarão.

99.2) Em Matemática

1. Como se sabe, a tendência da escola é dar a Matemática muito abstrata, trabalhando apenas com números. Os trabalhos manuais vêm trazer esta grande vantagem: permitir a *concretização* da Matemática, apresentar uma noção *concreta* de números, grandezas, frações, formas geométricas, etc.

2. Confecção de bolinhas, pauzinhos, discos de madeira, para o ensino dos números e das 4 operações.

3. Confecção do *ábaco* ou bolário, que tanto facilita a aprendizagem da numeração e dos pequenos cálculos.

4. Confecção de algarismos recortados em papel-lixo ou feitos em massa plástica.

5. Confecção de dominó, para fixação da aprendizagem das operações.

6. Construção de víspora ou lôto, para o mesmo fim.

7. Construção de dados, para treinar o jôgo da soma.

8. Construção de sólidos geométricos.
9. Confeção de dinheiro em papel, papelão ou massa, para tornar concretas as operações em cruzeiros.
10. Confeção de "baralho" educativo, em que umas "cartas" apresentam as operações e outras os resultados, a fim de que os meninos "casem" umas com as outras.

99.3) Em Ciências Sociais

1. Tabuleiro de areia, para as crianças fazerem, com suas próprias mãos, acidentes geográficos: montanhas, vales, rios, etc.
2. Construção do globo terrestre, em massa plástica ou barro.
3. Construção dos acidentes geográficos no próprio terreno (quintal) da escola.
4. Confeção de mapas do Brasil, do Estado, etc., em forma de canteiros, que poderão ser plantados com diversas espécies de plantas rasteiras.
5. Confeção de mapas em tamanho grande, para a parede, nos quais os meninos representarão concretamente os acidentes físicos e as produções. Os rios poderão ser barbantes coloridos, as montanhas, de miúdo de pão e os produtos serão fragmentos deles próprios: um pedacinho de ferro, uns grãos de milho, um vidrinho com pó de carvão ou com sal, etc., etc.
6. Confeção de cartazes para a parede sobre clima, estações do ano, movimentos da terra.
7. Pintura, em cartazes, representando fatos e episódios da nossa História.
8. Confeção de quadrinhos para a parede, com os vultos históricos da nossa Pátria: os retratos ou

gravuras poderão ser tirados de revistas, ou da capa dos cadernos (1) e colados sobre papelão (tampas de caixas de sapatos ou de remédios). As molduras em torno serão feitas de flexa de bambu ou ripas de madeira. Os quadros poderão ser envernizados e as molduras pintadas.

9. Sobre *indígenas* dezenas de objetos poderão ser confeccionados pelas crianças: arcos, flexas, cocares, tacapes, ocas, tabas, etc.

10. Finalmente, lembramos que todos os projetos e planos de trabalho, citados nos capítulos VII a IX, bem como quaisquer outros que ocorram ao professor, incluem sempre uma parte grande de desenho, pintura e confeção de trabalhos manuais.

99.4) Em Ciências Naturais

1. Confeção de cartazes com a história dos produtos naturais, desde seu início agrícola até o fim industrial. Exemplo: a cana — o canavial — a moenda — a usina — a rapadura, o caldo de cana, o açúcar e o álcool. Uma fase da história do produto poderão ser pintadas, outras em gravuras recortadas de revistas, outras com os próprios produtos em saquinhos ou vidrinhos.

2. Coleção de plantas, ou folhas, ou frutos, sobre folhas de cartolina.

3. Cartazes com figurinhas de animais domésticos, ou animais ferozes, ou pássaros, ou insetos, etc.

(1) A Casa Cruz, no Rio de Janeiro, vende interessante série de cadernos, em que as capas são retratos de vultos históricos, a partir, de Anchieta até os presidentes da república, e na capa posterior se encontra a biografia dos mesmos. Endereço: Rua Ramalho Ortigão, n.º 26, Rio.

4. Confeção de numerosos "aparelhos" para demonstração de leis físicas (termômetros — higrômetro — anel de Gravesande — telefone de barbante — balanças — e muitos outros (1)).

99.5) A pintura na escola primária

Até aqui temos falado sempre em desenho e trabalhos manuais: mas precisamos também acrescentar uma nova atividade que tem o maior emprêgo possível na Educação Renovada: — a *pintura*.

Havia uma antiga crença de que criança não pode pintar, que pintura não é atividade compatível com a escola primária. O conceito hoje é no sentido oposto: as crianças adoram pintar e a escola deve facilitar ao máximo a realização dessa atividade.

A pintura oferece oportunidade para a realização de todos os objetivos do desenho (vide §§ 95 a 98), com a vantagem de permitir maior vivacidade de cores, maior expressividade e muito mais entusiasmo para as crianças.

Entre os diversos gêneros de pintura que podem ser levados a efeito na escola primária citemos:

- 1) Pintura comum, com tinta aquarela e pincel,
- 2) Pintura com tinta gouache,
- 3) Pintura com tinta d'água (pincel molhado em água, que se passa sobre o papel que traz a tinta; é o processo muito usado pelos fotógrafos, para colorirem retratos).

(1) Para não repetir tudo quanto foi dito sobre confeção de trabalhos manuais, remetemos o leitor ao nosso livro "Metodologia do Ensino Primário", onde apresentamos dezenas de jogos e de aparelhos que podem ser feitos pelos alunos, na escola e fazemos a descrição da maneira de construir cada aparelho.

- 4) Pintura a dedo: consiste simplesmente em mandar a criança meter o dedo no pote de tinta e assim pintar sobre o papel ou cartolina.

§ 100) TRABALHOS MANUAIS E ARTESANATO

Examinado o papel dos trabalhos manuais como *instrumento didático*, podemos agora examinar um outro aspecto desses trabalhos: o *artesanato*.

Abordâmo-lo aqui com receio de que algum professor menos avisado resolva repetir os artesanatos na escola primária, dentro daquêle princípio de que os trabalhos manuais não devem ter um fim em si mesmos, mas apenas servir para concretizar o ensino das várias matérias.

Há uma sutil distinção entre uns e outros: os artesanatos são realmente trabalhos manuais, mas confeccionados com um fim utilitário ou artístico. Exemplo: nas escolas primárias de Pernambuco é comum se encontrarem interessantíssimos trabalhos de cerâmica feitos pelos alunos; é a influência contaminadora do meio ambiente, pois, como se sabe, nos meios mais modestos de Pernambuco a arte popular da cerâmica constitui como que uma segunda religião. Tivemos ocasião de visitar escolas daquele Estado e verificar os admiráveis trabalhos feitos pelos alunos, no barro rústico, reproduzindo cenas e tipos do interior pernambucano. Ora, não se pode dizer que tais trabalhos tenham a finalidade de "ilustrar e concretizar" o programa de ensino. Mas nenhuma escola primária pode repeli-los nem desconhecê-los, pois são uma expressão da alma popular, que, ao contrário, deve ser recolhida e cultivada com carinho pela escola, fazendo parte integrante da *Educação artística* (vide o que dissemos no § 27 do capítulo V sobre "Educação Integral").

Nas escolas rurais, sobretudo, o artesanato tem um lugar próprio, pois ensina a criança a confeccionar uma série imensa de pequenos objetos úteis ou decorativos para os pobres lares dos campônios.

Para tanto são aproveitáveis as matérias-primas fornecidas de graça pelo próprio campo, e que com a habilidade do professor podem ser transformadas em utensílios de valor.

Eis algumas das cousas que o artesanato da escola primária pode produzir, com crianças de 7 a 14 anos:

1. *Em côco* — cinzeiros, caixas de costura, adornos para cima de mesa e parede, porta-jóias (a palavra "jóia" aqui significa qualquer pequeno objeto que se deseje guardar com carinho).
2. *Em bambu* — os mesmos objetos acima, e mais: bandejas, porta-copos, argolas para guardanapos, quadrinhos para parede.
3. *Em bucha* — bôlsas, chinelos.
4. *Em bambu-gigante* — vasos, que podem ser artisticamente decorados com pedaços de papel pintado, contas, farinha, sementes, etc.
5. *Em fibras diversas* — bôlsas de mão; bôlsas grandes, a tiracolo, para viagem; cintos; cordas.
6. *Em chifre* — vasos, cinzeiros, adornos para cima de mesa.
7. *Em piaçava* — vassouras, escôvas.
8. *Em latas vazias* — canecas, bules, leiteiras, raladores, panelas.

9. *Em tábuas de caixote* — caixinhas, bancos, prateleiras, brinquedos.

10. *Em barro* — modelagem de pratos, canecas, panelas, moringas, vasos e objetos de adorno; escultura representando cenas e tipos populares.

§ 101) TÓPICOS PARA DISCUSSÃO

1. Explicar a frase "Desenho e Trabalhos Manuais não são matérias".
2. Explicar a importância do Desenho e Trabalhos Manuais nos seguintes campos:
 - a) Como expressão psicológica;
 - b) Como forma de atividade;
 - c) Como sentido educativo;
 - d) Como instrumento didático.
3. Mostrar pelo menos 3 aplicações que o Desenho e os Trabalhos Manuais podem ter em cada um dos seguintes setores:
 - a) Em Linguagem;
 - b) Em Matemática;
 - c) Em Ciências Naturais;
 - d) Em Ciências Sociais.
4. Importância da pintura na escola primária e suas várias formas.
5. Mostrar como podem ser desenvolvidos os artesanatos na escola primária.

§ 102) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. AGUAYO, A. M. — “Didática da Escola Nova”; Editôra Nacional; São Paulo, 1935.
2. AMARAL FONTOURA — “Metodologia do Ensino Primário”; volume III da coleção “A ESCOLA VIVA”; Editôra Aurora; Rio, 1959.
3. FONSECA, Corinto — “A Escola ativa e os trabalhos manuais”; Edições Melhoramentos; São Paulo, sem data.

CAPÍTULO XVI

Como fazer funcionar as Instituições Escolares

§ 103) CONCEITO DE INSTITUIÇÃO ESCOLAR

O assunto “Instituições escolares” tem crescido de tal maneira em sua importância que hoje é abordado em diversas cadeiras do curso pedagógico: em Psicologia Educacional em Sociologia, em Metodologia ou Didática, e, finalmente, em Prática de Ensino. Nesta, porém não vamos apresentar a filosofia, digamos assim, das Instituições Escolares, mas apenas mostrar, em termos *práticos*, como fazê-las *funcionar*.

Quando a escola se limitava a ministrar *ensino*, isto é, os “pontos do programa”, as instituições tais como clubes, associações e centros, formadas pelos alunos, eram chamadas de “instituições extra-classe” ou “extra-curriculares”.

À medida, porém, que a escola se renovava e vivificava, as instituições estudantis foram crescendo de importância e cada vez se entrosando mais com o currículo, no sentido de dar vida ao ensino de cada matéria. Hoje em dia já é um erro falar em “instituições extra-curriculares”: elas fazem parte integrante da vida escolar e funcionam indissolúvelmente ligadas ao ensino.

O ideal da Educação Renovada vai além: deseja que o próprio ensino das matérias formais (Linguagem — Matemática — Ciências) seja feito, tanto quanto

possível, *através* dessas instituições, que passam a funcionar, assim, *dentro da classe*, como parte integrante da aula. Elas são indispensável instrumento de ensino.

Eis por que a denominação mais acertada é "Instituições Sociais da Escola", ou simplesmente "Instituições Escolares".

§ 104) FINALIDADES DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES

— Por que atribui a Educação Renovada tanta importância a essas Instituições? Porque elas desempenham múltiplas finalidades no processo educacional da criança, como passamos a ver:

104.1) No campo sociológico

A educação tem duas grandes finalidades: o desenvolvimento das capacidades do indivíduo e a sua integração na comunidade, ou seja a sua *socialização*. (vide capítulo X, "Socialização do Educando").

Ora, de acôrdo com a lei fundamental da aprendizagem, "só se aprende a fazer fazendo". Logo, o melhor caminho para se obter a socialização do educando é... mergulhá-lo na vida social. Então, deve a escola oferecer esse ambiente social, essa *vida social*. — E como fazê-lo, senão através das Instituições Sociais da Escola?

Essas Instituições têm, pois, a alta finalidade de servir de ambiente de campo de treinamento, para a indispensável socialização do aluno.

Como salienta muito bem DEWEY, "a escola deve ser uma sociedade em miniatura". Somente assim poderá ela ensinar as crianças a viverem em sociedade. Mas a sociedade humana não é um todo unificado: é subdividida em *grupos sociais*: o grupo familiar, o grupo religioso, o grupo de recreação, o grupo de trabalho, o grupo político, etc. Assim também a escola, para

reproduzir a sociedade, deve ela igualmente ser subdividida em grupos, que são as *Instituições Sociais* da Escola.

104.2) No campo psicológico

Sabemos o quanto o brasileiro é uma criatura *individualista*: foi esse um dos piores defeitos de nossa formação no passado. Não possuímos ainda o tão necessário "*espírito de comunidade*". Não sabemos ainda trabalhar *em equipe*. Cada qual quer predominar, quer "manobrar a equipe". Não temos ainda a mística do respeito ao "direito dos outros".

Compete em grande parte à escola introduzir esse elemento novo na nossa formação psicológica, e para isso nenhum campo, nenhum instrumento melhor do que as Instituições Sociais da Escola. Elas são a grande oportunidade para os alunos viverem juntos, trabalharem juntos, *conviverem*.

As Instituições ensinam ainda a necessidade do auxílio mútuo, isto é, o sentimento da *solidariedade*, o respeito ao direito de cada um. Ensinam a ceder, a conceder a combinar, a não querer que a sua opinião prevaleça sempre. Ensinam a difícil arte de discutir idéias, sem brigar...

104.3) No campo político

Todos nós sabemos como são fracos ainda os ali-cercês da nossa democracia. Vivemos num regime democrático, sem estar ainda muito preparados para êle, em razão dos defeitos acima apontados.

A fragilidade do nosso regime se mostra nas ocasiões de eleições, em que sempre surge a idéia de... não fazer eleições... Mal despontam no horizonte as épocas de eleições presidenciais, começa-se logo a falar em "golpes"... Em certos municípios, sobretudo no interior, as disputas eleitorais são muitas vezes acom-

panhadas de assassinatos, quando não de verdadeiras guerrilhas entre famílias.

Ora, essa falta de amadurecimento para a democracia não se corrige através de leis nem de decretos, mas sim e unicamente através de longo processo de formação de uma mentalidade democrática, que não pode ser iniciado senão na escola.

Há muitos anos vimos afirmando isso:

A democracia tem que começar na escola.

E dentro da lei fundamental da Psicologia da Aprendizagem, que "*só se aprende a fazer fazendo*", a maneira de aprender democracia é... praticar democracia. Praticar como? Através das Instituições Sociais da escola, que reproduzem às mil maravilhas tôdas as situações da vida política: escolha de Diretoria — eleições para êsse fim — disputa entre os candidatos — respeito aos vencedores — respeito aos regulamentos — compreensão dos direitos alheios — trabalho em comum para o bem de todos, etc., etc.

Quanto aos alunos diretores dessas Instituições, aprendem a usar a autoridade sem excessos e adquirem o sentimento de *responsabilidade*.

104.4) No campo pedagógico

As Instituições escolares servem para dar *vida e atividade* às aulas, aos conhecimentos aprendidos em cada disciplina. As aulas se tornam, pois, muito mais interessantes e proveitosas.

São as Instituições excelente ocasião para o aluno agir, fazer cousas, expandir-se. Concorrem para sua participação mais direta e mais profunda na própria vida escolar. Permitem a transformação dos *conhecimentos* em verdadeiras *vivências*.

Resumindo tudo isso:

As Instituições escolares são o melhor instrumento educativo de que dispõe a escola.

§ 105) COMO ORGANIZAR AS INSTITUIÇÕES

Mas para que as Instituições Sociais da Escola possam realmente desempenhar tão importantes funções, é preciso que obedeam a algumas normas essenciais, sem as quais não terão vida própria, não funcionarão.

Lembre-se o futuro professor: não basta determinar a criação das Instituições para que elas existam e funcionem. Não cabe sequer ao mestre o papel de *criar* êsses organismos, por sua própria vontade. Eis os princípios a seguir:

1. A Instituição tem que ser criada *pelos alunos*, devidamente *motivados* para êsse fim. É preciso que as crianças sintam a necessidade de criá-la, desejem realmente criá-la. Claro que a orientação do mestre deve estar sempre presente, mas com habilidade, para os alunos sentirem que são eles que estão resolvendo tudo.

2. A diretoria da Instituição deve ser composta só de alunos e eleita em assembléia geral de alunos, mediante votação secreta.

3. A Instituição deve reger-se por um Regulamento curto, condensado, sem Estatutos quilométricos, que ninguém lê e muito menos cumpre.

4. É imprescindível que a escola dê atribuições sérias a êsses órgãos, para que os garotos se comprometem de suas responsabilidades e levem suas funções a capricho. Por exemplo: o Pavilhão Nacional será

hasteado pela diretoria do *Centro Cívico*; a biblioteca da escola fica a cargo da diretoria do *Clube de Leitura*; todos os assuntos de higiene da escola ficam sob a responsabilidade do *Pelotão de Saúde* ou *Clube de Saúde*; o jardim e a horta ficam entregues ao *Clube Agrícola*, e assim por diante.

5. A duração do mandato da diretoria deve ser curto, a fim de permitir sua renovação amiudada, digamos de 2 em 2, ou de 3 em 3 meses, dando oportunidade a que outros colegas possam ocupá-la e trazer novo entusiasmo a instituição. Essa medida não impede, no entanto, que uma diretoria, mostrando-se trabalhadora e eficiente, possa ser reeleita, se assim fôr da vontade da maioria dos alunos.

§ 106) RELAÇÕES PÚBLICAS

O professor deve aproveitar tôdas as ocasiões para desenvolver a *socialização* do aluno, que é uma das tarefas fundamentais da escola, como sempre repetimos. Para isso, devemos partir do princípio de que *a escola é dos alunos*.

Note-se a evolução dêsse conceito: antigamente acreditava-se que a escola deveria girar em torno do professor, da diretoria, do programa de ensino. Estes eram os três "senhores" absolutos da escola. Os alunos deviam fazer apenas uma cousa: obedecer-lhes.

Com o tempo, houve um grande progresso: passou-se a acreditar que a escola era *para os alunos*. Estes é que ficaram sendo a figura central da escola. O diretor e o professor reconheciam que não podiam ensinar ao aluno quaisquer cousas, mas tão somente aquilo que êle estivesse em condições de aprender. Conforme salienta o grande mestre da Pedagogia moderna, êsse admirável CLAPARÈDE, o ensino deixou de obedecer às imposições do programa, ou aos dese-

jos do professor, para obedecer às capacidades e intencões da criança. Em suma, a escola passou a ser *para os alunos*.

106.1) A escola é dos alunos

Mas êsse conceito também já foi ultrapassado, e hoje dizemos que *a escola é dos alunos*: a escola existe exclusivamente para êles, a escola lhes pertence, embora sob a direção, o contrôle e a orientação do professor.

Ora, se *a escola é dos alunos*, então todos os assuntos da vida escolar, da vida interna da escola, devem interessar às crianças. Em outras palavras: o professor precisa ter a habilidade de fazer com que as crianças se interessem por tudo.

Êste largo preâmbulo foi para firmarmos o princípio de que as crianças devem desempenhar papel decisivo nas relações entre a escola e o meio. É o que chamamos de "*relações públicas*", aproveitando a expressão tão em moda.

Numerosas cousas podem os alunos fazer nesse campo das *relações públicas*: dar a escola a conhecer perante a comunidade; estreitarem as relações entre a escola e a família; trazerem elementos da comunidade para conhecer a escola. Tudo isso, naturalmente, sob a orientação do professor.

106.2) Saber receber as visitas

Uma das tarefas mais importantes que os alunos podem desempenhar, nesse setor, é o de *receber as visitas*, como verdadeiros "donos da casa", visto que "*a escola é dos alunos*".

As crianças precisam sentir-se suficientemente ligadas à escola, integradas nos seus trabalhos, para poderem desempenhar êsse papel de anfitriões, mostrando a escola aos visitantes e sabendo contar o que lá estão fazendo.

Considerando-se que a escola é uma sociedade em miniatura, ainda aqui a grande sociedade deve servir de modelo para a pequena sociedade escolar. Naquela, na grande sociedade, quando se recebe um alto personagem, reúnem-se as instituições para homenageá-lo: o Congresso, o Tribunal, a Academia, a Universidade. Pois assim também deve acontecer na pequena sociedade escolar: os visitantes ilustres devem ser agraciados com a reunião de uma das Instituições escolares (o Clube de Leitura, ou o Clube Agrícola, ou o Centro Cívico), que realizará uma sessão em sua homenagem, sob a direção dos próprios alunos.

106.3) Os alunos como "donos da casa"

Uma das mais gratas recordações de nossa vida de velho educador é a da viagem realizada ao interior fluminense, no longínquo ano de 1941, quando levamos o ilustre Professor LOURENÇO FILHO e a professora LARRAIN, do Chile, para conhecer as Escolas Típicas Rurais. Pois bem: depois de mais de 12 horas de viagem, chegamos a um lugarejo que mais parecia aos visitantes o fim do mundo. E aí, na porta da Escola Típica Rural, fomos recebidos por um grupo de crianças, que se apresentaram e disseram: "somos os diretores do "Clube Agrícola Alberto Torres", vamos mostrar-lhes nossa escola". Segurando a mão dos visitantes, foram os garotos mostrando e explicando tudo que havia: jardim, horta, pomar, criação de galinhas, de coelhos e de abelhas, bosque florestal, plantações, etc.!

Surpresa maior nos estava reservada depois, quando entramos na sala de aula e fomos deparar com uma sessão preparada em nossa homenagem, pelo "Clube Agrícola Alberto Torres", sessão essa inteiramente dirigida pelos alunos!(¹) No meio do mato, a

(1) Registramos aqui o nome dessa verdadeira Escola Nova, situada no meio do mato, a centenas de quilômetros da cidade

centenas de quilômetros da cidade, aquela cena nos emocionou profundamente e a educadora chilena não pode conter as lágrimas!

Da mesma forma nos sentimos felizes ao visitar certa vez uma escolinha perdida num desvão de Paraíba do Sul, onde também fomos homenageados com uma sessão do Grêmio dos alunos, inteiramente dirigida e realizada por crianças de 9 a 12 anos! A presidência da mesa, a leitura da ata, o anúncio dos números do programa, tudo feito exclusivamente pelos meninos, tendo a professora o cuidado de afastar-se da mesa, sentando-se no auditório!(²)

§ 107) FUNCIONAMENTO DAS INSTITUIÇÕES

Não basta que a escola possua esta ou aquela instituição: é preciso que funcionem. Entende-se por funcionamento sua atividade normal, constante, e não reuniões esporádicas em dias de festa, apenas.

Certa vez chegamos a uma escola e perguntamos a um grupo de alunos: — "Esta escola tem Clube Agrícola?" — "Não sei, respondeu o primeiro". — "Acho que tem", disse o segundo. O terceiro, mais disposto e amável, sugeriu: "se o senhor quiser saber mesmo, eu posso ir perguntar à professora".

Não, não foi preciso perguntar à professora, pois só essas três respostas já haviam demonstrado que naquela escola o Clube Agrícola só existia no papel,

mais próxima: Escola Típica Rural de Serraria, no município de São Sebastião do Alto, dirigida por uma das mais notáveis mestras fluminenses: uma mocinha recatada e tímida, chamada d. Maria Odete de Araújo Braz.

(2) A referida escola era dirigida por uma velha educadora, mas de espírito jovem, cujo nome citamos como merecida homenagem e exemplo para os educadores mais moços: d. Madalena Sá Pinto.

embora estivesse até registrado na competente reparação do Ministério da Agricultura...

§ 108) FUNCIONAMENTO DO CENTRO CÍVICO

Passemos a ver como funciona cada Instituição, separadamente.

O Centro Cívico ou Clube de Civismo, que tem por finalidade despertar e manter vivo o espírito de civismo dos alunos, tem sua grande atividade por ocasião das festas nacionais. Nessas épocas, deve organizar sessões comemorativas, em homenagem aos nossos grandes vultos, com um programa de dramatizações, poesias, cânticos, músicas e exposição de trabalhos.

Tal exposição deve ser o resultado do "*plano de trabalho*" levado a efeito pela classe, durante a semana comemorativa da data ou do vulto nacional em questão.

Nos dias comuns o Centro Cívico também tem uma função: ocupar-se da guarda da bandeira nacional, do seu hasteamento e recolhimento. Como simples sugestão, lembramos que a diretoria do Centro Cívico formasse em semi-círculo, em volta do mastro, onde a bandeira é hasteada.

Outra iniciativa do Centro Cívico poderá ser a organização de uma galeria permanente de grandes vultos nacionais, na parede da sala de aula. Os retratos serão tirados de revistas, jornais, livros ou capas de cadernos (vide o que dissemos a respeito, no parágrafo 99.3, item 8).

§ 109) FUNCIONAMENTO DO CLUBE DE LEITURA

Ao Clube de Leitura cabe criar e desenvolver o hábito da boa leitura entre as crianças da escola. Para atingir tal objetivo compete-lhe a guarda, conservação e desenvolvimento da Biblioteca Escolar.

Seus diretores diàriamente entregam aos colegas os livros por êstes solicitados, quer para leitura na própria escola, quer para empréstimo domiciliar. Anotam nas fichas ou no livro especial a saída do volume, registrando a data e o nome do tomador. Quando o volume é devolvido, os bibliotecários dão baixa na ficha, como adiante mostramos.

É imprescindível organizar e manter o catálogo da biblioteca, em livro ou em fichas. É costume as obras que se dedicam ao assunto indicarem 3 ou 4 modelos de fichas, mais ou menos complicados: ficha por autor, ficha por título de obra, ficha por assunto... Resultado: ao fim de pouco tempo existem tantas fichas por fazer que os bibliotecários não fazem mais ficha nenhuma...

Sugerimos, pois, que haja um só tipo de registro de livros: ou o livro-catálogo, ou a ficha por nome do livro.

O catálogo poderá ser um livro pautado, tamanho 20 x 30 centímetros, ou tamanho 16 x 24 centímetros. Na página aberta, isto é, dupla, o bibliotecário traçará uma série de colunas verticais, destinadas a registrar respectivamente: o número de ordem do catálogo — o nome do autor do livro — o título da obra — observações.

N.º de ordem	Autor	Nome do livro	Observações

Na página do lado esquerdo ficarão as 3 primeiras colunas e na página do lado direito a coluna de Obser-

vações. Nesta, se o professor assim julgar conveniente e prático, pode mandar anotar, por exemplo, o *gênero do livro* (didático, aventuras, poesias, etc.) e a idade a que o mesmo se destina (digamos: 7 a 12 anos).

Para não fazer outro livro de registro, nas páginas do meio para o fim poder-se-á registrar o empréstimo dos volumes, assim:

Data de retirada	Nome do livro	Nome do aluno	Data da devolução

Através desse segundo registro, poderemos levantar duas estatísticas interessantes: quais os livros preferidos pelas crianças, e quais os alunos que mais gostam de ler.

Esse controle é ainda necessário para que os livros não se percam e com o objetivo de dar às crianças a noção de responsabilidade, levando-as a devolver o livro dentro do prazo marcado.

Se o professor preferir, poderá estabelecer o registro em fichas de cartão, que é, aliás, o processo mais moderno. As fichas deverão ser de tamanho pequeno, pois não é necessário escrever muita coisa: aproximadamente 7 x 10 centímetros. Nelas se registrarão o número do volume, o nome do autor, o nome da obra, o gênero (didático, ou romance, ou aventuras, ou poesias) e a idade a que se destina.

Se houver tempo e paciência, a ficha poderá incluir também um resumo sobre a obra, em quatro linhas, a fim de orientar futuras leituras. Exemplo:

	357
LOBATO, Monteiro	—
Aventuras	
Resumo	
A partir de 10 anos	

As fichas do tipo acima já existem prontas, à venda em qualquer papelaria. É mais econômico adquiri-las aos centos. Cada livro deve ter um número de ordem, que figura na ficha, no alto, à direita, e também numa etiquêta, colada na parte inferior da lombada do volume.

Julgamos interessante colocar nas fichas duas indicações, que não constam dos modelos de fichas, apresentados pelas publicações que tratam do assunto. A primeira é referente ao enredo do livro (3 ou 4 linhas de resumo da história). A segunda refere-se à idade para a qual o livro é mais aconselhável.

Essas duas medidas de ordem prática permitem uma grande economia de tempo e maior aproveitamento.

mento da biblioteca pelos alunos. A criança que pega um livro e não o aprecia, porque o enredo não é do seu gosto, pega outro volume e repete-se o mesmo caso, perde o interesse pela leitura.

Esse interesse está intimamente ligado à idade do aluno, de acordo com a "escala de evolução dos interesses infantis" (1).

Nas costas da ficha, o bibliotecário fará o controle dos empréstimos, pela mesma forma descrita acima, para o caso do catálogo.

As fichas da biblioteca serão colecionadas em ordem alfabética, devendo, para maior facilidade de consulta, ficar em posição vertical, numa caixinha a ser preparada para esse fim.

Quer no caso do catálogo-livro quer na hipótese das fichas, deverá a biblioteca possuir ainda *fichas de leitura*, a serem preenchidas pelos meninos, após a leitura de cada volume. Tais fichas apresentam grande valor psicológico, para que o professor possa melhor conhecer a alma de seus alunos, pois, evidentemente cada um de nós procura ler coisas que estejam de acordo com seu temperamento e preferências.

Existe mesmo um teste psicológico americano, para estudo do temperamento e caráter dos alunos, que consiste num "catálogo de livros", com numerosos títulos de obras. Pede-se ao paciente que assinale quais os livros daquela lista que preferiria ler, e, de acordo com as preferências marcadas, é possível se ter uma idéia aproximada do seu temperamento.

(1) Sobre evolução dos interesses infantis, ver a "Psicologia Educacional" do mesmo autor; volume 5.º da Coleção "A ESCOLA VIVA", capítulos IV a VII; Editora Aurora, 2.ª edição, Rio, 1959.

As "fichas de leitura", com as perguntas já impressas (ou mimeografadas) deverão ser bem simples, para não enfastarem a criança. Exemplo:

C'ube d Leitura
 da Escola
 Nome do livro
 Nome do autor
 Data da retirada / / 19... Data da devolução / / 19...
 Você gostou deste livro? Por quê?

 Quais os principais personagens?

 Você gostaria de ser um deles? Qual?
 Por quê?
 Qual o personagem de que você menos gostou?
 Por quê?
 Cite outras impressões suas

 Quantos livros você já leu até hoje?
 Quais os de que gostou mais?

.....
 Assinatura do aluno — Série

As fichas de leitura deverão ser colecionadas numa caixa ou pasta, à guisa de fichário.

Detalhe importante para o Clube de Leitura é a questão da *capa* nos livros: em algumas bibliotecas, as professoras têm enorme trabalho de encapar todos os livros — e isso fica horrível. Em outras bibliotecas os livros são entregues aos meninos sem capas — e isso os estraga rapidamente.

A solução, a nosso ver, é a seguinte: os livros não devem permanecer encapados nas estantes, porque tira toda a beleza da biblioteca, que é o seu colorido. Mas não podem ser entregues aos alunos sem capas, porque logo ficam completamente sujos e manchados. Então, o ideal é que a biblioteca possua capas para livros, mas somente as coloque na hora de emprestá-los. Quando o menino trouxer de volta o volume, o bibliotecário terá o cuidado de tirar a capa e guardá-la, até o próximo empréstimo. Esta solução ainda tem a vantagem de não precisarmos fazer uma capa para cada volume, pois só poucos volumes são retirados de cada vez.

§ 110) FUNCIONAMENTO DO PELOTÃO OU CLUBE DE SAÚDE

Segundo informações que nos foram trazidas, os "Pelotões de Saúde" surgiram pela primeira vez no Brasil em 1930, no Estado do Rio, criados pelo ilustre sanitarista Dr. CARLOS SÁ.

A escolha do nome "*Pelotão de Saúde*", em vez de "Clube de Saúde" se deve ao fato de que o seu criador queria acentuar o caráter *dinâmico*, de ação constante, da instituição. Se fôsem criados hoje, dentro desse espírito de ação vibrante, seriam chamados, com certeza, de "comandos da saúde".

Conforme a orientação inicial de seu autor, cada *Pelotão* deveria constituir-se, no máximo de 25 alunos, sob a direção de um monitor. Durante certo número de meses esse *Pelotão* receberia instruções sobre Higiene e praticaria hábitos de higiene na escola.

No fim do período determinado, esse *Pelotão* "receberia baixa" e daria lugar a que outros 25 alunos iniciassem sua instrução, tal como acontece no Exército. Os primeiros "soldados da saúde" já estariam aptos a continuar por si próprios as práticas da higiene.

Supomos que este sistema teria sido determinado pela falta de recursos, pois segundo o regulamento a escola forneceria ao *Pelotão* canecas, pratos, escôvas, toalhas, sapatos de tênis, cadernos etc. e nunca existe verba, nos orçamentos estaduais para fornecer tal equipamento a todos os alunos primários.

De nossa parte, aceitamos a idéia do "*Pelotão*", em vez do Clube, para acentuar-lhe o caráter dinâmico. Mas não podemos concordar com o seu caráter temporário. — Por que limitar o tempo de permanência dos membros do *Pelotão*? Recebendo baixa do *Pelotão*, os meninos irão continuar sozinhos, sem assistência, as práticas de higiene?

O certo é que haja em cada escola tantos *Pelotões* quantos sejam os grupos de 25 alunos. Se a escola tiver 500 alunos, que se façam 20 *Pelotões*. — Que mal há nisso?

Cada *Pelotão* deve ter um *monitor* e uma *monitora* de saúde, que portarão a braçadeira com o emblema da saúde: uma cruz vermelha (alguns preferem a cruz verde).

O *Pelotão* deve reunir-se amiudadamente (pelo menos uma vez por semana) para discutir assuntos de saúde, profilaxia das principais moléstias, higiene do

corpo, da habitação do vestuário, dos alimentos, etc., tudo sob a orientação do professor.

Os Pelotões poderão organizar competições entre si, em disputa da "bandeira da saúde". Essa ficará cada semana em poder do Pelotão que na semana anterior melhores resultados haja apresentado, isto é, mais tenha cumprido os mandamentos da higiene. Tais mandamentos deverão estimular os alunos a se apresentarem sempre com o rosto, as orelhas, as mãos e as unhas limpas, e a praticarem os demais princípios fundamentais da Educação da Saúde.

Esses princípios poderão ser caprichosamente desenhados em tiras de papel, em forma de "slogans", que os meninos pregarão pelas paredes da escola: "ande sempre limpo" — "lave as mãos antes da comida" — "beba água só no seu copo" — "escove os dentes diariamente" — etc., etc.

A professora terá o cuidado de não repetir o erro de certas autoridades sanitárias que publicavam na imprensa "slogans" como este: "no verão, coma frutas geladas"... O menino pobre não tem geladeira em casa, nem dinheiro para comprar frutas!

Os monitores dos Pelotões de Saúde aprenderão a prestar os primeiros socorros a seus colegas e serão os responsáveis pela caixa de pronto socorro da escola.

Se o estabelecimento fornecer merenda escolar, os monitores serão encarregados de auxiliar na sua confecção e de distribuí-la entre os colegas.

Finalmente, os monitores dos Pelotões poderão, nas escolas do interior, onde não existem médicos nem farmacêuticos, prestar relevante auxílio a outras pessoas que deles necessitem, sempre sob a orientação do professor.

§ 111) CLUBE DA SAÚDE

(Planejamento apresentado pela Professora Carmen Pereira Alonso, num curso do INEP do Ministério de Educação — Reproduzido da "Revista do Ensino", de Porto Alegre.)

NOTA — "Sob esse nome estudaremos as diferentes instituições que se preocupam com a assistência sanitária ao escolar, embora com diferentes nomes, tais como Pelotão de Saúde, Liga Sanitária, Liga de Higiene Dentária, etc.
"Preferimos esse nome por ser mais amplo e abranger o problema no seu todo."

I. *Objetivos*

A) Informação sanitária aos alunos e à própria comunidade.

1. Maneira de combater certas epidemias e endemias (por ex.: cistosomose).
 2. Disseminação de certas medidas higiênicas, cujas vantagens o povo, mal esclarecido, não compreende.
- B) Formação de bons hábitos higiênicos.
C) Zêlo pela saúde do aluno.

II. *Maneira prática de se atingirem os objetivos visados*

A) Educação sanitária sistemática através de:

1. Campanhas:
 - a) Da escova de dentes.
 - b) Dos utensílios individuais (copo, lenço, pente, etc.).

- c) Do uniforme limpo e bem cuidado.
 - d) Do cabelo cortado ou trançado.
 - e) Das unhas aparadas.
2. Assistência de emergência a pequenos ferimentos e enfermidades súbitas.
 3. Encaminhamento das crianças doentes ao médico ou enfermeira escolar.
 4. Contrôles das condições físicas dos alunos:
 - a) Pêso.
 - b) Altura.
 - c) Estado de nutrição.
 - d) Verificação de possíveis portadores de moléstias.
 5. Distribuição de medicamentos às crianças que deles necessitem.

III. Atividades de esclarecimento

- A) Junto aos pais.
 1. Sobre a vacinação anti-variólica obrigatória.
 2. Sobre a vacinação anti-rábica.
 3. Sobre a necessidade do uso do sapato.
 4. Sobre a necessidade da construção de privadas e fossas.
 5. Sobre a necessidade da queima do lixo em locais onde não haja serviço de coleta de lixo, etc.
- B) Entrosamento com o SESP.

IV. Organização

- A) Uma professora responsável.
- B) Um corpo de alunos monitores, em rodízio.

V) Equipamento

1. Pequena farmácia de emergência.
2. Material ilustrativo.

3. Distintivos simbólicos.
4. Fichas de controle.

VI) Funcionamento

- A) Inspeção diária a princípio e, posteriormente, semanal, sem dia pré-determinado, nem aviso prévio.
- B) Campanhas sanitárias intensas.

VII) Valor educativo

- A) Em relação à escola.
- B) Em relação à família.
- C) Em relação ao aluno.

Tópicos para estudo

I — Organize um plano para palestras quinzenais aos pais dos alunos de uma escola rural.

II — Faça um arrolamento das principais campanhas a serem desenvolvidas por um Clube de Saúde de uma escola rural.

III — Planeje uma farmácia de emergência para o Clube de Saúde, ressaltando os recursos empregados no sentido de organizá-la.

IV — Faça uma ficha das atribuições dos monitores-alunos, ressaltando seus deveres em relação aos colegas.

V — Organize um clube de saúde, tendo em vista, especialmente, sua entrosagem com as atividades de classe.

VI — Estude o problema do reajustamento dos alunos-problema, através das atividades de um Clube de Saúde, salientando, em especial, as tarefas que lhes serão particularmente atribuídas.

VIII — Articule as atividades de um Clube de Saúde com as de um Círculo de Pais e Professores.

§ 112) CLUBE AGRÍCOLA

O Clube Agrícola tem por finalidade despertar nos alunos o amor à terra e o gosto pelas atividades rurais. Seu funcionamento será muito diferente, conforme a zona em que esteja situada a escola.

Nas escolas urbanas o Clube Agrícola se compõe de dois ou três canteiros, onde as crianças só podem trabalhar por turnos, cada qual com direito de ficar dez minutos junto à terra. Isso não impede que o Clube funcione, pois já conhecemos até escolas onde não havia um palmo de terra: a área era tôda cimentada, mas o esforço da professora fêz com que surgissem centenas de latas vasias de todos os tamanhos e feitios, e era dentro dessas latas que o Clube fazia sua agricultura, representada por lindo jardim.

Outra atividade que o Clube pode desenvolver é a da ornamentação das salas, corredores, etc., com vasos e latas de plantas pendurados à parede. A *Campanha das janelas floridas* será grande motivação para os meninos organizarem jardineiras de caixotes velhos (*Trabalhos Manuais*), colocadas sobre a beira das janelas, na sala de aula. Cada grupo de sócios tratará da sua jardineira, organizando-se um concurso periódico, para se verificar qual a mais bonita.

Nas escolas rurais já a área de terreno permite que as atividades do Clube se multipliquem, incluindo a formação de jardim, horta, galinheiro, etc. Já aqui os sócios do Clube terão muito em que se ocupar, e a diretoria, de acôrdo com a professora, pode estabelecer um rodízio de serviços, para que todos os membros participem das várias atividades.

Tanto na escola urbana como na rural as atividades do Clube Agrícola estarão fortemente entrosadas com as aulas de Linguagem, Matemática e, sobretudo, de

Ciências. Tanto quanto possível, o Clube trará material para ser estudado dentro da aula ou, melhor ainda, o professor levará a classe para ter aula no jardim, na horta, no galinheiro.

Nas *escolas típicas rurais*, que são aquelas possuidoras de grande área de terra e com uma organização um pouco diferente das escolas rurais comuns, o Clube Agrícola terá, então, sua máxima expansão, subdividindo-se em seções, a saber:

Jardim
Horticultura
Pomicultura
Silvicultura
Avicultura
Apicultura
Cunicultura
Sericultura
Pequena lavoura
Indústrias rurais

Não nos estenderemos sobre tais atividades porque a Escola Típica Rural já é uma especialização, exigindo curso à parte, para o preparo de seus professores.

De regra geral, a diretoria do Clube Agrícola se compõe de presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro e chefes ou encarregados de cada atividade: jardinagem, horta, etc. Não devem ser indicados para a diretoria "os melhores alunos", "os mais aplicados", como já vimos certa vez, mas sim aqueles que demonstrarem *mais gosto pela atividade da terra*.

A produção do Clube deve ser consumida na merenda escolar. Se não fôr necessária (pois em alguns lugares o govêrno já distribui essa merenda), deverá ser vendida, e o dinheiro apurado, dividido entre os sócios, segundo o trabalho e interesse de cada um.

§ 113) CLUBE AGRÍCOLA

(Planejamento apresentado pela Professôra Carmen Pereira Alonso, num curso do INEP do Ministério de Educação — Reproduzido da "Revista do Ensino", de Pôrto Alegre.)

I) *Fundamentos*

A) Necessidade de valorizar junto às populações infantis e juvenis os recursos de seu ambiente.

B) Necessidade de prepará-las melhor no sentido de se aproveitarem das possibilidades que o seu meio oferece, com maior eficiência e menor dispêndio de energia.

1. Esse problema é sobretudo marcante onde uma mentalidade rotineira entrava a adoção de métodos científicos.

II) *Objetivos*

A) Relativos à formação de hábitos e atitudes.

1. Formar no menino do campo a consciência do valor do trabalho agrícola como fator positivo de economia.
2. Desenvolver na juventude rural suas idéias, interesses e experiências em tórno da agricultura e da criação.
3. Formar o caráter do menino do campo, inculcando-lhe o senso de responsabilidade perante seus deveres.
4. Formar uma mentalidade aberta às inovações da ciência, no concernente aos problemas do campo.
5. Levar as novas gerações a compreenderem as vantagens do cooperativismo, interessando-as na solução dos problemas coletivos.

6. Propiciar atividades úteis ao preenchimento das horas de lazer.
7. Formar hábitos adequados à vida do homem do campo colaborando para o melhoramento permanente da vida rural, tornando-a mais agradável e mais fácil.
8. Inculcar o amor pela natureza e o desejo de defendê-la.
9. Formar e cultivar hábitos de economia e de bom emprêgo de capital.
10. Fomentar o interesse pela casa alegre, limpa e agradável.

B) Relativos à aquisição de técnicas e conhecimentos.

III) *Funcionamento*

A) Necessidade de se imprimir ao trabalho um amplo sentido de socialização.

1. Pela organização do trabalho em grupos.
2. Pela eleição de uma diretoria constituída de alunos da escola.
3. Pelo sistema de rodízio, a fim de que da contribuição de todos resulte o bem comum.
4. Pela influência da escola na comunidade.

B) Necessidade de um regime especial de trabalho, de molde a atender às atividades de classe e de campo.

1. Pela manhã, à entrada, os trabalhos de campo, em uniforme apropriado.
2. Depois de uma boa refeição, as atividades de classe.

C) Necessidade de se atender de uma maneira especial à merenda escolar.

1. Aproveitando ao máximo os recursos fornecidos pelo próprio meio agrícola escolar.

2. Fornecendo, outrossim, certos princípios alimentares básicos indispensáveis à fase de crescimento intenso que caracteriza a idade escolar.

A criação de aves da escola pode, se não totalmente, pelo menos em parte suprir tal necessidade.

D) Necessidade de se atender de maneira especial aos cuidados com a saúde e a higiene individual dos alunos.

1. Pela instalação de aparelhos sanitários (chuveiros e privadas) em número suficiente.

2. Pela ação efetiva de instituições escolares que levem a isso.

a) Clubes de saúde.

b) Círculos de Pais e Professores.

E) Necessidade da escola projetar-se na comunidade, alterando seu padrão de cultura e seus ideais.

1. A escola rural como um verdadeiro centro social rural.

a) facilitando distrações.

b) facilitando as condições de vida (empréstimo de máquinas de agricultura, de costura, etc.).

c) disseminando boas práticas higiênicas e legais (construção de fossas, privadas, necessidade do registro civil, etc.).

d) facilitando a aquisição de conhecimentos especializados.

2. O importante papel dos Círculos de Pais e Professores nesse sentido.

Como instituição que facilita o contato entre a escola e a família.

3. A vantagem de se franquear a biblioteca da escola à população adulta da comunidade.

a) Para facilitar a aquisição de conhecimentos especializados sobre a agricultura, criação, indústrias rurais.

b) Para o preenchimento das horas de lazer.

4. O auxílio grande que os pais bem orientados podem prestar à escola.

a) Especialmente no sentido de se vencerem certas dificuldades de ordem material.

a') Construção de um aviário, uma cerca, remoção de terras, etc.

5. Pregando, através do exemplo, certas verdades que o homem rude do campo não desconhece, muitas vezes, mas que quase nunca pratica.

a) Emprêgo de métodos científicos de trabalho.

b) Reflorestamento.

c) Combate às queimadas, etc.

F) Diferentes setores de um clube agrícola.

1. Agricultura.

a) Horta.

b) Jardim.

c) Pomar.

d) Parque.

2. Criação de animais.

a) Galinhas, gansos, patos, etc.

b) Porcos.

c) Coelhos.

d) Abelhas.

e) Bicho-da-seda, etc.

3. Indústrias rurais.

a) Aproveitamento de fibras, côcos, pedras, pequenos frutos, etc.

G) Atividades de tipo prático, subordinadas às diferentes seções.

1. Organização de uma cooperativa.

a) O aluno participa como um verdadeiro